

09.**Oração-caridade: solidariedade com Deus e com a messe**

Neste capítulo trataremos de um tema caro a santa Teresa de Jesus e a santo Aníbal Maria, isto é, a oração, agora como fundamento para a realização vocacional da consagrada Filha do Divino Zelo.

Buscaremos na doutrina espiritual teresiana elementos que iluminem a vivência espiritual da consagrada que caminha para unidade plena com o Divino Esposo.

A dinâmica da contemplação-ação que vemos em santa Teresa, cujo cume está nas sétimas moradas, será um itinerário que ratifica e ilumina a herança espiritual de santo Aníbal Maria. O Rogate será a aliança que une esposa e Esposo, oração que se faz caridade em prol da messe do Senhor.

9.1.**A oração-caridade fundamentada na espiritualidade teresiana****9.1.1.****A oração constante**

No decorrer de nossa pesquisa, adentrando a história de santo Aníbal Maria, vemos que o empenho na vida de oração rumo à comunhão plena com o Senhor é um aspecto fundamental para o itinerário das religiosas de seu Instituto.¹ Nos primeiros regulamentos o fundador dirá:

Cada uma procurará estar toda a jornada no Lado adorável de Jesus, amando, adorando, e oferecendo-se, e jamais perderá esta Divina Presença interior ao menos virtualmente, mesmo que externamente se aplique a tantos ofícios diferentes, que todos referirão ao Sumo Bem Jesus Crucificado e Sacramentado, cuja Presença Divina está sempre dentro de nós.²

Vemos nesta exortação uma possibilidade de renovação permanente para a Filha do Divino Zelo. O carisma fundacional de santo Aníbal Maria consiste na oração evangélica pelos bons operários para a messe, mas nos questionamos, como não deixar que o cumprimento deste mandamento de Cristo, a vivência do quarto voto religioso do Instituto das Filhas do Divino Zelo, caia na rotina e aos poucos tenha esvaziado seu sentido de súplica ao Pai em Cristo pela salvação da

¹ Cf. FIGLIE DEL DIVINO ZELO, Costituzioni, 7.

² DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 726. [TN].

humanidade? Vemos na oração constante, na vida que se faz oração, no diálogo interior e permanente com o Divino Amigo, uma alternativa para que a Filha do Divino Zelo renove diariamente o sentido de sua vivência espiritual-carismática.

Para E. Martinez, santa Teresa, como mestra de espirituais e mestra de oração, aponta para um Deus que nos chama a viver em comunhão com Ele e, a partir disto, mostra que toda a iniciativa parte dele, que não nos corresponde nem ao menos sugerir por onde deve conduzir-nos, mas acolher a eleição que Ele faz do caminho por onde nos conduzirá e como viveremos a comunhão com Ele. Não são as atitudes, por mais importantes que pareçam ser, nem mesmo o ato da oração, o que justifica o valor da vida, mas é a própria vida, a relação que Deus estabelece conosco, que justifica e dá valor à oração, como a qualquer outro ato ou a qualquer vocação pessoal de viver o seguimento de Jesus. Santa Teresa alarga a compreensão da oração ao tratá-la como uma relação de amizade com o Senhor, fazendo com que ganhe seu sentido ao nascer como resposta a proposta de Deus de estabelecer união com suas criaturas.³ Deus não nos pede um ou outro ato, mas pede que vivamos aquilo que somos, ou seja, “homens novos”, renascidos em Cristo, unidos ao seu Corpo Místico, incapacitados de dar frutos desligados da videira.⁴

Esse itinerário teresiano ilumina a herança espiritual-carismática da Filha do Divino Zelo, que desde as origens fundacionais é chamada a uma vida de permanente oração como meio eficaz para o cumprimento do quarto voto religioso: o Rogate. É a oração constante e íntima um bem incomparável que pode levar a consagrada a plena realização em Deus. Toda e qualquer ação pode perder seu valor quando feita fora de Deus, fora de sua Vontade, pois como dissemos, corre o risco de ser apenas a realização pessoal de quem a pratica, um simples meio de satisfação desvinculado de Deus. Não é possível que uma árvore dê frutos quando não tem raízes. Da mesma maneira é impossível que uma Filha do Divino Zelo dê frutos espirituais e apostólicos quando não está unida a Deus pela oração e caridade.

Estamos falando de uma oração que não se reduz à uma atitude exterior, mas que vem do coração e não se limita a ocasiões ou horas determinadas, mas que se prolonga dia e noite. Algo que, como bem diz santa Teresa, não cansa,

³ Cf. HERRÁIZ, M., De maestra de espirituales a la maestra de oración, p. 242.

⁴ Cf. Jo 15,5-7.

pois, é a unidade com um Amigo do qual se deseja estar perto em todos os momentos. Iluminadas pela espiritualidade teresiana, a Filha do Divino Zelo é chamada a cumprir o voto do Rogate com a permanente presença diante de Deus, o Amigo do qual tem alegria em estar perto, ao qual, por ser amada, tem o desejo de amar até as últimas consequências, com quem realiza-se como mulher consagrada, como esposa, como amiga e como mãe espiritual de uma multidão que lhe é confiada por seu Senhor.

Com santa Teresa a Filha do Divino Zelo compreende que não deve orientar o pensamento a Deus apenas nos momentos reservados para a oração. A constante oração leva a religiosa a estar em unidade com Deus em meio as mais variadas tarefas do cotidiano. Lembramos que nossa santa doutora nos diz que é possível encontrar Jesus Cristo até mesmo em meio às panelas. Olhando para todo o itinerário de santa Teresa vemos que sua vida se tornou um encontro único com o Senhor, uma oração ininterrupta que acontecia nos momentos mais corriqueiros de sua vida. Percebemos sua intimidade com Deus na maneira como se reportava as suas coirmãs, na forma como cuidava da fundação de seus mosteiros, nas cartas amigas e maternas que escrevia para tantas pessoas, enfim, em cada momento de sua vida. Viver para nossa santa doutora era estar na presença de Deus e assumir os sentimentos de Cristo, sua Cruz e sua ressurreição. Iluminadas por esta doutrina a Filha do Divino Zelo compreende que a oração constante é o trato permanente com Alguém que muito a ama e que espera amor. Podemos dizer que:

A oração é a luz da alma, o verdadeiro conhecimento de Deus, a mediadora entre Deus e os homens. Pela oração a alma se eleva até aos céus e une-se ao Senhor num abraço inefável; como uma criança que, chorando, chama sua mãe, a alma deseja o leite divino, exprime seus próprios desejos e recebe dons superiores a tudo que é natural e visível. A oração é venerável mensageira que nos leva à presença de Deus, alegre a alma e tranquiliza o coração.⁵

Quando Deus concede essa oração tem-se uma riqueza que não pode ser tirada e um alimento que sacia a alma e que alimenta a vida de outros. Trata-se de uma oração que conduz à humildade e a verdade, que se enfeita com boas obras e robustece a fé. A oração constante é um meio para preparar para o Senhor um esplêndido castelo real, onde Ele poderá permanecer e transformar a alma em sua imagem e templo de sua presença.

⁵ PSEUDO-CRISÓSTOMO, Homilia: a oração é a luz da alma, p. 165.

Iluminada pela pedagogia teresiana, a Filha do Divino Zelo conscientiza-se ainda mais que deve empenhar-se por toda a vida à oração constante, pois todas as graças, estão ligadas a ela.⁶ Ao que reza cabe receber e a Deus cabe dar e Deus sempre se doa em gratuidade, configurando a si a pessoa que reza, até que essa também faça de sua vida uma entrega gratuita pela vida da humanidade. A oração constante, aquele diálogo permanente com o Amigo, arranca a religiosa de uma categoria de utilidade no trato com o Senhor e com as pessoas e a coloca num relacionamento de gratuidade.⁷ Temos a oração como um caminho de união com Deus, união que faz transbordar uma suavidade e doçura que inebria, uma luz que envolve, onde Deus e a alma estão fundidos num só de tal modo que não pode haver separação. Mesmo que tenha se tornado indigna de rezar, Deus, em sua infinita misericórdia, vem ao seu encontro protagonizando um relacionamento de amizade⁸ que muito lhe agrada.⁹

9.1.2.

É Deus quem provê a autêntica oração

A oração e o serviço que prestamos a Deus nada acrescenta a Ele. No entanto, aos que o seguem e servem, concede a vida, a incorruptibilidade e a glória eterna. O Senhor concede as graças necessárias para que o ser humano não caminhe no desesperante vazio “do nada” e tão pouco na superficialidade de uma pseudo unidade com o eterno. Deus doa-se à humanidade para que o amor seja verdadeiro e para que a eternidade seja garantida por sua própria Misericórdia que não cansa de derramar-se sobre suas criaturas. Santa Teresa nos convida a correremos iluminadas pelo Amor de Deus¹⁰, confiantes de que Ele quer dar todas as graças necessárias para uma vida de oração autêntica.¹¹ Para que isso aconteça, para que a vida se torne oração, para que o Rogate não se torne a repetição vazia de uma fórmula, a Filha do Divino Zelo é chamada a acolher Deus que se doa, que se oferece como Amigo, como Pai e como Esposo. A intimidade com o Senhor não se dá por meio de receitas prontas, ou pela simples comunicação de um outro,

⁶ Cf. DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Regolamenti* (1914-1927), v. 6, p. 315.

⁷ Cf. HERRÁIZ, M., *De maestra de espirituales a la maestra de oración*, p. 243.

⁸ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,3,9.

⁹ Cf. SÃO JOÃO MARIA VIANEY, *Do catecismo de São João Maria Vianney: a linda profissão do homem, rezar e amar*, p. 1494.

¹⁰ Cf. SANTA TERESA, *op. cit.*, 5,4,11.

¹¹ Cf. *Ibid.* 6,4,12.

mas acontece quando a alma se abre a ação da graça e numa atitude de amor se empenha em corresponder a todo o Amor recebido de Deus, deixando gradativamente que Ele assuma os rumos desta amizade. Desta maneira o Rogate, a súplica pelos operários, fluirá conforme os desígnios do próprio Deus frente aos sofrimentos da humanidade. A união entre a pessoa e Deus fará com que as preces de Cristo elevadas ao Pai sejam as preces da Filha do Divino Zelo na compreensão de que toda e qualquer oração dirigida ao Pai é feita por Cristo, com Cristo e em Cristo, ou seja, é Ele quem reza na Filha do Divino Zelo:

[...] nosso Senhor Jesus Cristo, é o mesmo que ora por nós, ora em nós e recebe a nossa oração. Ele ora por nós como nosso sacerdote; ora em nós como nossa cabeça e recebe a nossa oração como nosso Deus. Reconheçamos nele a nossa voz, e em nós a sua voz.¹²

A oração permanente da Filha do Divino Zelo dá-se em Cristo, que com sua Encarnação santificou toda a humanidade, purificando-a de todas as suas misérias e restituindo-lhe a beleza da criação. Nesse processo, o essencial é o verdadeiro amor, recebido e doado, antes recebido de Deus para depois ser entregue ao próximo, manifestado no exercício da oração silenciosa, contemplativa e litúrgica, espaço para se cultivar a intimidade que transborda no amor com os irmãos e irmãs. Porém, é fundamental que a Filha do Divino Zelo se entregue à oração motivada pelo Amor de Deus, daquele por quem se sabe amada.¹³ Ousamos dizer que a Filha do Divino Zelo é chamada a cultivar em seu cotidiano a mística da oração pelas vocações, algo que vai além do estabelecido, mas que seja uma oferta pessoal que encontre no cumprimento deste mandamento de Jesus, o Rogate, o caminho de santificação para si e para a messe, como resposta de amor ao Deus Amante que ouve o clamor de seu povo e vem para libertá-lo. São João Paulo II nos dirá:

Sem dúvida que são chamados de modo particular à oração os fiéis que tiveram o dom da vocação a uma vida de especial consagração: esta, por sua natureza, torna-os mais disponíveis para a experiência contemplativa, sendo importante que eles a cultivem com generoso empenho. Mas seria errado pensar que o comum dos cristãos possa contentar-se com uma oração superficial, incapaz de encher a sua

¹² SANTO AGOSTINHO, Comentário sobre os Salmos: Jesus Cristo ora por nós, ora em nós, e recebe a nossa oração. p. 281.

¹³ Cf. HERRÁIZ, M., De maestra de espirituales a la maestra de oración, p. 248.

vida. Sobretudo perante as numerosas provas que o mundo atual põe à fé, eles seriam não apenas cristãos medíocres, mas ‘cristãos em perigo’ [...].¹⁴

Será a oração realizada em nós por meio do Espírito Santo que nos abrirá, por Cristo e em Cristo, à contemplação do rosto do Pai¹⁵ e nos colocará em permanente condição de servos, prontos à caridade para com o próximo. Iluminada pelo itinerário espiritual de santa Teresa a Filha do Divino Zelo é convidada à oração permanente que a dispõe ao amor permanente. Santa Teresa nos diz que procura o mais possível trazer Jesus Cristo presente dentro de si¹⁶, trazendo sempre consigo sua Sagrada Humanidade¹⁷ como guia de todas as suas ações. Sua intensa vida de fundadora não a impediu de estar sempre na presença de Deus, recolhida nele.¹⁸ Recolher-se em Deus é o refúgio seguro contra aqueles perigos¹⁹ que nos afastam de nossa verdadeira felicidade, que é tornarmo-nos dom de amor para nossos irmãos e irmãs, e para isso nos aconselha:

Procurai logo, filhas, pois estais sós, ter companhia. E que melhor companhia que a do próprio Mestre que ensinou a oração que ides rezar? Fazei de conta que tendes o próprio Senhor junto de vós e vede com que amor e humildade Ele vos ensina; e, acreditai-me, enquanto puderdes, não fiquéis sem tão bom amigo. Se vos acostumardes a tê-Lo junto a vós e Ele vir que o fazeis com amor e procurais contentá-Lo, não podereis, como se diz, afastá-Lo de vós; Ele não vos faltará nunca, vos ajudará em todos os sofrimentos, e vós O achareis em toda parte. Pensais que é pouco ter um amigo como esse ao vosso lado?²⁰

É dentro de si que a Filha do Divino Zelo fará esse encontro com Deus²¹, é em sua alma, no belo castelo onde habita o Divino Esposo que ela crescerá em intimidade e amizade com Ele e a alegria deste amor será a força que permitirá que ela prossiga amando, fazendo com que a própria vida seja entregue em preces pela messe necessitada. Nesse percurso, tudo fora de si também será uma oportunidade para a união com Deus, uma vez que Ele está presente em toda a criação e tudo se volta para Ele num louvor constante e no perene esforço de direcionar a pessoa ao seu Criador: “[...] como fruto do caminho de fé, toda a

¹⁴ JOÃO PAULO II, PAPA, Carta Apostólica, Novo millenio ineunte, 34.

¹⁵ Ibid., 32.

¹⁶ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 4,7.

¹⁷ Cf. Ibid., 12,2.

¹⁸ Cf. Ibid., 22,3.

¹⁹ Cf. Ibid., 37,10.

²⁰ Id., Caminho de Perfeição, 26,1.

²¹ Cf. Ibid., 28,2; 29,8; 50,3.

natureza visível pode nos reconduzir às realidades invisíveis”.²² Santo Aníbal Maria não hesitará em dizer que a oração é necessária para a salvação eterna. O fundador lembrará suas filhas espirituais que o próprio Cristo ensinou a rezar e não apenas ensinou, como deu o exemplo, rezando ao longo de toda a sua vida.²³ Santo Aníbal Maria também compreende que toda e qualquer obra de caridade precisa ter sua origem no Amor, no Amor que une a pessoa a Deus e a faz testemunha credível em meio a humanidade:

Os Santos foram sapientíssimos em servirem-se deste grande meio não somente para salvar-se, mas para crescer em todas as virtudes heroicas, para vencer e abater todas as suas paixões desordenadas, para superar cada dificuldade, para superar todo o inferno, para santificar e salvar inúmeras almas e realizar grandes prodígios. Colocaram nisso seu esforço, as suas obras, os seus sacrifícios; mas nem as fadigas, nem as obras, nem os sacrifícios teriam tido valor sem a oração fervorosa e incessante [...].²⁴

Ao nos mostrar que nossos esforços não são o suficiente para nossa santificação e a dos outros, santo Aníbal Maria, está apontando para o primado do Amor de Deus em todas as obras realizadas pela Filha do Divino Zelo, inclusive aquela de fazer da vida oração incessante pela messe do Senhor: “Sem mim não podeis fazer nada”²⁵:

Sem a graça de Jesus Cristo Nosso Senhor, sem a sua ajuda, sem as suas luzes, sem o seu divino socorro, é claro e certo que nada podemos fazer de bem nem por nós e nem pelos outros. Mas esta graça, esta ajuda, estas luzes, este divino socorro não se pode receber sem oração. Tudo isto diz respeito a grande necessidade da oração.²⁶

À luz de santa Teresa a Filha do Divino Zelo conscientiza-se ainda mais da necessidade de uma vida de oração constante, um trato de amizade com o Senhor que habita o seu coração e que sempre toma a iniciativa em Amar. Fora dele a consagrada pode “fazer” boas obras, porém estar longe da motivação suprema da caridade evangélica à qual é chamada. Para que a Filha do Divino Zelo, se torne, em Cristo, uma mulher de oração permanente que tenha seus frutos na caridade, apresentamos duas características da espiritualidade teresiana que são básicas para esse itinerário: a humildade e a verdade.

²² TENACE, M., *L'integrazione nello Spirito: la bellezza come unità spirituale*, p. 85. [TN].

²³ Cf. DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Regolamenti (1914-1927)*, v. 6, p. 315.

²⁴ DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Regolamenti (1914-1927)*, v. 6, p. 316. [TN]

²⁵ Jo 15,5.

²⁶ DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Regolamenti (1914-1927)*, v. 6, p. 317. [TN]

9.1.3.

É preciso “andar em verdade”

Santo Aníbal Maria Di Francia buscou uma profunda união com Deus e expressou isso em uma vida santa, feita entrega e doação à messe. No entanto, reconhecia que nada vinha de suas forças²⁷, que em tudo dependia de Deus, cultivando em seu caminho espiritual a humildade como virtude fundante para si e para os que quisessem ter vida de oração e união com Deus: “Cada uma compreenda que a humildade é a base de todas as virtudes e a alma humilde será elevada à mais íntima união com Jesus”.²⁸

O que santa Teresa escreve sobre a humildade nos leva a compreender que estamos diante de algo nuclear para o ser cristão. O tema aparece no arco de toda a sua obra, sendo em *Castelo Interior ou Moradas*, que aproximará a humildade à verdade, acentuando o caráter existencialmente dinâmico, histórico e processual em que nos diz que “a humildade é andar na verdade”.²⁹ É porque a humildade vem referida à verdade³⁰, que veremos que a humildade vem como definição ontológica da pessoa, que se assume vivendo em relação a Deus, Verdade fundante de si mesma.³¹

Este é o caminho para a liberdade de tudo o que nos aprisiona e nos rouba de Deus, inclusive a liberdade de nós mesmos, de nossas paixões desordenadas, de nossas escravidões pessoais e comunitárias, espirituais e apostólicas. Quando a humildade nos leva a andar na Verdade, vamos nos libertando de tudo o que nos impede de amar, de tudo o que nos impede de acolher e testemunhar a iniciativa de Amor de Deus em nossas vidas. Por isso, por essa liberdade, podemos dizer que a humildade é uma categoria antropológica por excelência.³²

²⁷ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 725.

²⁸ Ibid., p. 725. [TN]

²⁹ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,10,7.

³⁰ Também sobre o tema podemos consultar: LATORRE, F. Andar en verdad. *Vida Espiritual*, n. 16, p. 43-47, abril/junio 1967. LAURIER, J. M. Andar en Humildad: la experiencia espiritual de santa Teresa de Jesús y la teología de la justificación. *Monte Carmelo*, v. 113, n. 1, p. 25-38, 2005. CRUZ, J. D. L. El pensamiento de Santa Teresa sobre la virtud de la humildad. v. 66, fasc. 2, abril/junio 1958. p. 129-164. BERRUETA, J. D. La humildad en Santa Teresa de Jesús. *Vida Sobrenatural*, a. 22, t. 42, n. 253-254, p. 106-112, enero/febrero 1942. MAROTO, D. P. Los caminos de la verdad en Santa Teresa de Jesús. *Vida Sobrenatural*, a. 64, n. 515, p. 321-335, septiembre/octubre, 1984. ALONSO, M. P. Humildad, verdad en camino. *Revista de Espiritualidad*, n. 70, p. 53-81, 2011. BLAS DE JESÚS. Verdadera humildad. En los fundamentos de la ascética teresiana. *Revista de Espiritualidad*, v. 22, n. 87-89, p. 81-722, 1963.

³¹ Cf. HERRAIZ, M., La humildad es andar en verdad, p. 243.

³² Cf. Ibid., p. 244.

Para santa Teresa a humildade é o centro de confluência das linhas substantivas do ser cristão. É o centro que emite e alimenta as atitudes fundamentais do seguidor de Jesus. Com variações sobre um mesmo tema, santa Teresa, vai nos envolvendo em uma visão unitária do cristianismo que tem como raiz e identidade a humildade: verdade que se vive e na qual se anda. Em santa Teresa a verdade da pessoa está em Deus, a Verdade por excelência, não mais fazendo sua vontade, mas a Vontade de Deus. Assim, andar na Verdade é viver segundo a Vontade de Deus, conforme nos revela as Escrituras:

Compreendi nessa Majestade uma verdade que é a plenitude de todas as verdades; mas não sei descrever como, porque nada vi. Disseram-me (não sei quem, mas percebi que era a mesma Verdade): *Não é pouco o que faço por ti, sendo uma das coisas em que muito me deves; porque todo mal que vem ao mundo decorre de não se conhecerem as verdades da Escritura com clareza, da qual nem uma vírgula ficará por cumprir.*³³

Compreendendo que a Escritura é o código da verdade de Deus doador de si e da pessoa chamada a comunicar a vida de Deus e vendo a força de conversão que essa experiência trouxe para a vida de santa Teresa, nos convencemos que este caminho pode ser, também para a Filha do Divino Zelo, um meio de salvação e configuração total a Cristo, o Divino Rogacionista. Viver segundo a Verdade é a consequência de uma vida imersa no Amor de Deus, que como vimos, passa a ser o protagonista desta história de amizade:

O Senhor me disse: Ai, filha, quão poucos me amam de verdade! Se Me amassem, Eu não lhes encobriria meus segredos. Sabes o que é amar-Me com verdade? Entender que tudo o que não é agradável a Mim é mentira. Verás com clareza isso que agora não entendes pelo fruto que sentirás em tua alma.³⁴

O Senhor é a Verdade³⁵, a suma Verdade³⁶, somente Ele é a Verdade³⁷: “Essa Verdade é em si mesma verdade, não tendo princípio nem fim. Todas as outras verdades dependem dessa Verdade, assim como todos os demais amores, desse Amor, e todas as outras grandezas, dessa Grandeza”.³⁸ Podemos dizer que nesta Verdade, no Verbo Encarnado, revela-se toda a Beleza da criação e toda a Beleza do ser humano. Logo, o encontro com a Verdade é o encontro com a

³³ SANTA TERESA, Livro da Vida, 40,1.

³⁴ Ibid., 40,1.

³⁵ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 19,15.

³⁶ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,3,7,9.

³⁷ Cf. Ibid., 6, 10,5.

³⁸ Id., Livro da Vida, 40,4.

Beleza, com o “fim” da humanidade redimida e enxertada num Corpo de Beleza indescritível, que é o Senhor. Trata-se de uma verdade que ultrapassa um conceito religioso, é uma questão ontológica, algo que define a pessoa, algo em que desempenha a sua vocação transcendente, de referência constitutiva a um Tu fundante, de princípio e fim. A pessoa é mais que ela mesma: sua medida é Deus.³⁹

A medida da Filha do Divino Zelo é o próprio Senhor da messe e não empenhar a vida rumo a essa conformação é uma atitude medíocre que a impede da plena realização para a qual é chamada como mulher consagrada. Viver o Rogate fora desse fundamento ontológico é empenhar a vida em uma mentira que se satisfaz com a execução de uma ou outra fórmula, que na verdade nem podemos chamar de oração, pois a oração vocal que é fruto do Amor recebido de Deus, é uma oração de infinito valor diante do Senhor, visto que Ele próprio ensinou a rezar com uso das palavras quando disse a seus discípulos que rezassem o Pai Nosso.

Neste percurso, o conhecimento próprio é algo muito importante⁴⁰, um dos fundamentos para que se tenha diante de Deus um coração humilhado e contrito⁴¹ e, ao mesmo tempo, entregue à ação misericordiosa de Deus que se dá aos homens. Vemos que é indispensável que a religiosa busque a humildade como arma contra a soberba, contra o amor próprio, contra o orgulho e contra tantos outros vícios que fazem mal a quem deseja ter vida de oração.⁴² Segundo santa Teresa, para que a humildade seja real, é necessário que a religiosa se empenhe em conhecer a verdade: a sua verdade e a Verdade que é Deus. Desta forma, numa relação protagonizada por Deus, gradativamente, deixará o que é seu para que a vontade de Deus prevaleça em sua vida. Santa Teresa de diversas maneiras aponta para esse caminho: nesta terra nada nos deve importar mais que a humildade⁴³; junto a humildade o conhecimento próprio muito deve nos interessar⁴⁴; o conhecimento próprio é pão com que todos os manjares devem ser comidos⁴⁵; é o

³⁹ Cf. HERRAIZ, M., *La humildad es andar en verdad*, p. 247.

⁴⁰ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 1,1,8.

⁴¹ Cf. DI FRANCIÀ, A. M., *Scritti. Regolamenti (1914-1927)*, v. 6, p. 325.

⁴² Cf. *Ibid.*, p. 325.

⁴³ Cf. SANTA TERESA, *op. cit.*, 1,1,9.

⁴⁴ Cf. *Ibid.*, 1,2,13.

⁴⁵ Cf. *Id.*, *Livro da Vida*, 13,15.

unguento de nossas feridas⁴⁶, importantíssimo inclusive para os que estão nas sétimas moradas⁴⁷, pois exorta a aprofundar sempre mais em si⁴⁸, rogando a Deus que não nos deixe sair deste conhecimento.⁴⁹ Pela experiência de sua vida, santa Teresa adverte aos que buscam a vida de oração, que não se deixem enganar pela falsa humildade, pois a própria santa deixou de ter oração sob o véu desta falsa humildade.⁵⁰

O caminho espiritual de santa Teresa nos guia no processo do autoconhecimento, como passo necessário para se andar na verdade. Logo nas primeiras moradas compreendemos que conhecer a si não consiste em reduzir-se em uma visão negativa⁵¹, mas é um sair de si para considerar a grandeza e majestade de Deus⁵², porque nunca poderemos nos conhecer se não procuramos conhecer a Deus.⁵³ Compreendemos que conhecer-se consiste em reconhecer a graça de Deus que atua em nós. Por fim, irá referir-se a Cristo, o homem que fez suas as nossas fraquezas, porém que se sabia amado, acompanhado por seu Pai e assim foi o primeiro a sofrer: “[...] ponhamos os olhos em Cristo, nosso bem, e com Ele, bem como com seus santos, aprenderemos a verdadeira humildade”.⁵⁴

Enfim, santa Teresa nos convida a conhecermos os dons de Deus, o que a Ele devemos, para vivermos em fidelidade dando-lhe a resposta generosa do amor. É conhecendo o que Deus realiza nela que a faz se tornar uma alma determinada.⁵⁵ Neste processo árduo e possível unirá a humildade ao fortalecimento e ao vigor, a coragem e a ousadia à “santa presunção”.⁵⁶ Tudo isso porque a pessoa “sai de si” e coloca seu olhar em Deus, depositando a confiança nele e não mais em si:

Devemos ter grande confiança, porque convém muito não reduzir os desejos, confiando em Deus que, se nos esforçarmos, poderemos chegar – pouco a pouco, embora não logo – ao ponto alcançado por tantos santos com o Seu favor; se estes nunca se determinassem a desejá-lo e a passar gradativamente à prática, não teriam atingido tão alto estado. Sua Majestade deseja almas corajosas e é amigo delas,

⁴⁶ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 3,2,6.

⁴⁷ Cf. Ibid., 1,2,8.

⁴⁸ Cf. Ibid., 5,3,1.

⁴⁹ Cf. Ibid., 6,7,10.

⁵⁰ Cf. Id., Livro da Vida, 19,10,17.

⁵¹ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 1,2,11.

⁵² Cf. Ibid., 1,2,8.

⁵³ Cf. Ibid., 1,2,9.

⁵⁴ Cf. Ibid., 1,2,11.

⁵⁵ Cf. Id., Fundações, 5,2.

⁵⁶ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 16,8.

desde que sejam humildes e sempre desconfiem de si mesmas. Nunca vi quem assim age perder-se no caminho, nem uma alma covarde que, sob pretexto de humildade, percorresse em muitos anos o que as outras percorrem em pouco tempo.⁵⁷

Para santa Teresa, todo o dano que nos vem é a consequência de nossas investidas em viver sem ter os olhos fixos em Cristo, acreditando que fora dele podemos dar algum fruto bom. É de Deus que nos vem a graça de “andar na verdade”.

9.1.4. Humildade e verdade: dons de Deus

Para que esse percurso de intimidade possa moldar a Filha do Divino Zelo, é necessário que se disponha a percorrer o itinerário de uma vida espiritual onde Deus é acolhido em todas os seus desígnios, em uma intimidade dinâmica de amor e entrega a Ele e aos irmãos. Para tanto, a religiosa necessita romper com todas as cadeias que a aprisionam, romper com todas as amarras internas que muitas vezes a fazem escrava de si mesma, de suas paixões e de seus pecados. Nesse percurso, santa Teresa nos indica em primeira mão que reconheçamos a beleza com que foi criada a alma, ou seja, à imagem e semelhança do Criador⁵⁸, para compreendermos o quanto a falta de oração vai nos distanciando de nossa origem e de nosso fim.⁵⁹ Em outras palavras, o quanto a falta de oração vai nos embrenhando em um mundo de mentiras, onde o pecado passa a ser parte de nossa identidade e não mais a santidade⁶⁰ para a qual fomos criados. Neste contexto o testemunho alegre da vida consagrada⁶¹ se torna um peso, pois ninguém pode se alegrar na morte, na falta de vida, na falta da Verdade que dá sentido à existência.

Fora de Deus tudo é pouco e estreito para a pessoa.⁶² Ele é sua fonte e oceano, seu princípio e seu fim, o Alfa e o Ômega. É entre este começo e este fim que a Filha do Divino Zelo é chamada a viver sua vocação, mergulhada no mar

⁵⁷ SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,2.

⁵⁸ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 1,1,1.

⁵⁹ Cf. Ibid., 1,1,6.

⁶⁰ Sobre o tema da santidade ver: FRANCISCO, PAPA. Carta encíclica, Gaudete Et Exsultate: a chamada a santidade nos dias atuais. São Paulo: Paulinas, 2018.

⁶¹ Sobre o tema da santidade ver: FRANCISCO, PAPA. Carta Circular aos Consagrados e Consagradas, Alegrai-vos. São Paulo: Paulinas, 2014.

⁶² Cf. SANTA TERESA, Cartas, 17,1.70; 20,24.

infinito da suma Verdade, naturalizada com a vida de Deus⁶³, num processo permanente de ver-se liberta de tudo aquilo que não colabora para sua intimidade e união com o Senhor. “Andar na verdade” é uma confissão cristológica, é a vontade decidida de “conformação” com Jesus, o homem que se revelou como o Crucificado por fazer a vontade do Pai e fazer por nós. A Filha do Divino Zelo é chamada a fixar os olhos em Cristo e ali aprender a verdadeira humildade.⁶⁴

“Andar na verdade” é uma condição para que a consagrada se conforme a seu “Deus e Esposo”⁶⁵, para que possa desposar todos os sentimentos do Coração de Jesus e fazer desses os seus sentimentos, a sua Verdade. Esta é uma definição do homem-Deus Jesus de Nazaré, o “homem novo” e o “caminho novo” onde deve entrar a Filha do Divino Zelo para ser “mulher” da nova humanidade que Ele inaugura e funda. Ele é o “Livro vivo”, o livro verdadeiro onde se encontra toda a Verdade⁶⁶, a Verdade de Deus e a verdade homem, revelando que Deus, infinitamente Bom, se aproxima da humanidade oferecendo-lhe o seu Filho, o Dom de seu Amor⁶⁷ e o homem que se recebe a si mesmo “dado” e se dá ao Pai.⁶⁸

Vemos a verdade teresiana em conteúdos cristológicos e aí está a raiz do seguimento de Cristo, o Emanuel, de quem tanto lhe espanta a Majestade e ainda mais a humildade e o amor.⁶⁹ A Filha do Divino Zelo, ao assumir a intimidade com o Senhor, depara-se com a necessidade de “andar na verdade” para que sua oração pela messe seja fruto do amor recebido e não de alguma iniciativa pessoal ou ideológica que se restringe a uma ou outra realidade, a uma condição pessoal mais ou menos favorável. Cristificada, viverá o Rogate como o fundador o descreveu em sua vida, como o respiro de sua alma, sentindo em seu coração as dores que o Senhor sente ao se deparar com o sofrimento de seu povo. Na linguagem teresiana compreendemos que para se chegar a plenitude vocacional, a união com Deus, é necessário que morra a lagarta e nasça a bela borboleta, o que se dará em Cristo, pela ação do Espírito Santo.

⁶³ Cf. SANTA TERESA, *Exclamações da Alma a Deus*, 17.

⁶⁴ Cf. Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 1,2,11.

⁶⁵ Cf., *Ibid.*, 6,10,6.

⁶⁶ Cf. Id., *Livro da Vida*, 26,6.

⁶⁷ Cf. *Ibid.*, 22,14.

⁶⁸ Cf. HERRAIZ, M., *La humildad es andar en verdade*, p. 249.

⁶⁹ Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 37,6.

Então, sendo a “humildade andar na verdade”⁷⁰, o contrário é “andar na mentira”⁷¹, não compreendendo que por nós não temos nada que seja bom e que não somos nada⁷², desviando-nos da vocação original, vivendo segundo si e não segundo Deus, mesmo crendo estar servindo a Deus nas mentiras que, pouco a pouco, se tornam verdades na vida de quem está longe da Verdade. A humildade se alimenta da Verdade e nela aprofunda suas raízes. Na humildade a Verdade se faz corpo, existência pessoal, graça que provoca luz e harmonia, onde passamos do “eu” para um “Tu”, no qual o “Eu” se encontra em plenitude:

Morra já esse eu, e viva em mim outro que é mais do que eu e, para mim, melhor do que eu, para que eu O possa servir. Que Ele viva e me dê vida; reinem sendo eu a cativa, pois minha alma não quer outra liberdade. Como será livre quem estiver distante do Sumo Bem? Que maior e mais miserável cativo pode haver do que estar a alma solta das mãos do seu Criador?⁷³

A virtude da humildade, tão enfatizada por santo Aníbal Maria como condição para tornar eficaz a oração⁷⁴, nasce da verdade de Deus e da verdade da pessoa, tornando-se seu modo de ser. Humilde é a pessoa centrada em Deus, adentrando cada vez mais naquele que é sua Verdade e sua possibilidade radical de transcender. Diante de Deus, em sua Verdade de vida que se torna própria, a pessoa vê a si mesma, sua verdade “dual”: miséria e grandeza, debilidade e força, pecado e graça. Santa Teresa preocupa-se que entendamos bem a humildade e não deixemos de lado o conhecimento próprio, pois, são elementos necessários para reconhecermos Deus e a comunicação de seus dons e, ao mesmo tempo, quem sou eu em minha debilidade constitutiva⁷⁵, no entendimento de que somente enxertada em Cristo a pessoa pode “andar em Verdade”.

Vejamos como a oração pelas vocações necessita de um coração humilde que a viva em Cristo pela ação do Espírito Santo, para o bem de toda a Igreja.

⁷⁰ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,10,8.

⁷¹ Cf. Id., Livro da Vida, 20,26.

⁷² Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,10,8.

⁷³ Id., Exclamações da Alma a Deus, 17,3.

⁷⁴ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1914-1927), v. 6, p. 325-326.

⁷⁵ Cf. HERRAIZ, M., La humildad es andar en verdad, p. 252.

9.1.5.

A oração pelas vocações: fruto da humildade e dom à Igreja

Com tudo isso, a humildade convida a Filha do Divino Zelo a reconhecer que o carisma do Rogate antes de pertencer aos Institutos fundados por santo Aníbal Maria pertence a Cristo, que vem dele a necessidade de pedir ao Pai os bons operários para a messe. É em Cristo que a Filha do Divino Zelo é convidada a elevar suas súplicas a Deus, ciente de todas as suas misérias, mas confiante de que o cumprimento desse mandamento acontece em Cristo que clama ao Pai pelas santas vocações. Com isso, todos os gestos, toda a oração pronunciada, toda a vida vivida em sua cotidianidade, torna-se um apelo ao Pai por meio do Cristo Rogacionista.

A humildade está em reconhecer-se agraciada por Deus, vendo nele a Verdade mais profunda de si e do carisma fundacional. A pouca humildade está em não acreditar que Deus esteja sempre disposto a dar-se às suas criaturas⁷⁶, fazendo da própria limitação e do próprio pecado realidades maiores que Deus. Viver assim é viver na mentira, no pecado da soberba que lança o ser humano contra Deus, desacreditando que somente de Deus vem todas as boas coisas.⁷⁷ É pela graça de Deus, que nos vem pela oração, que podemos reconhecer que nenhum bem temos de nós mesmos⁷⁸, nos permitindo conhecer nossas misérias.⁷⁹

Diante do desafio de todos os tempos a Filha do Divino Zelo é chamada a uma vida de oração permanente que a conduza a viver na Verdade. Nessa dinâmica reconhecemos o que podemos e o que pode Deus, o que nos leva a conectar a humildade e a gratuidade, vivendo sem exigir nada de Deus, pois já reconhecemos toda a graça recebida, ou seja, tudo o que de positivo temos em nós, inclusive que toda a oração em favor das vocações dirigida ao Pai, por Cristo, é obra do próprio Espírito que reza em nós. Assim, compreendemos que “A relação entre oração e humildade é circular: a humildade é pressuposto para a oração e a oração faz o orante cada vez mais humilde”.⁸⁰

⁷⁶ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,4,12.

⁷⁷ Cf. Ibid., 1,2,5.

⁷⁸ Cf. Id., Livro da Vida, 15,14.

⁷⁹ Cf. Ibid., 28,19.

⁸⁰ HERRAIZ, M., La humildad es andar en verdad, p. 259. [TN].

Para santa Teresa todo o bem da oração está fundamentado na humildade⁸¹: “[...] é fundamental que trateis de entender como praticar muito a humildade”.⁸² A espiritualidade teresiana, enraizada na mística, mantém a humildade como sinal visível da autenticidade dessa oração: “A oração mística mostrara de forma conclusiva sua autenticidade na capacidade de fazer humilde a quem a desfrute”.⁸³ No entanto, como a humildade também será a disposição última para a vida mística, a Filha do Divino Zelo que deseja ter vida de oração permanente, fiel ao Rogate, precisa empenhar-se na prática dessa virtude conforme bem indicava o fundador, combatendo toda a soberba que a incita a uma vida inconformada a Cristo:

[...] a oração de uma religiosa a qual o secreto orgulho não se empenha em vencer, incompreensível com suas companheiras, movida pela raiva, porque a soberba é a mãe da ira, difícil em curvar-se à obediência, que se crê melhor que algumas outras, de uma alma que não se empenha em ser humilíssima, e talvez não seja nem ao menos no tribunal da Penitência, a oração desta alma que é religiosa apenas de nome porque é soberba, é rejeitada pelo Senhor. A sua oração não comove o Coração de Jesus [...]. Que nenhuma alma entre as Filhas do Divino Zelo seja assim indisposta, assim cheia do espírito do pai da soberba que é o demônio, mas sejam as Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus imitadoras da humildade do Divino Mestre⁸⁴ que nos disse: “Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29), se querem que suas orações sejam aceitas pelo Senhor, e Ele as atenda.⁸⁵

Santa Teresa ao tratar da vida de oração em *Caminho de Perfeição*, de maneira especial a oração de contemplação, dirá que a humildade é indispensável para quem quer seguir pelos caminhos da oração.⁸⁶ Certamente a contemplação é puramente gratuita e mesmo quando seja boa a “disposição” espiritual e a práxis da oração, sem dúvidas, o orante não poderá como que “por justiça” pedir a Deus a contemplação. O fruto da humildade está em deixar que Deus aja como quiser e arranque de seu coração os operários para a messe:

Assim, irmãs, não sabemos o que pedimos; deixemos o Senhor agir como quiser, não sendo como algumas pessoas que parecem pedir a Deus consolações como se

⁸¹ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 10,5; 22,11.

⁸² Id., Caminho de Perfeição, 17,1.

⁸³ HERRAIZ, M., La humildad es andar en verdad, p. 259. [TN].

⁸⁴ Podemos consultar: GARCÍA ESTRADÉ, M. C. La humildad, camino de perfección y cimiento del castillo interior. XXIII SIMPOSIO DEL INSTITUTO ESCURIALENSE. 2015 San Lorenzo de El Escorial. Actas del XXIII Simposio del Instituto Escorialense. Santa Teresa, el mundo teresiano y el Barroco, p. 224-229.

⁸⁵ DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1914-1927), v. 6, p. 325. [TN].

⁸⁶ Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 16.

por direito próprio. Curiosa maneira de ser humilde! Por isso, age bem Aquele que conhece todos, pois raramente, creio eu, as concede a estas, pois vê muito bem que não servem para beber o cálice.⁸⁷

Madre Teresa faz compreender que uma pessoa humilde jamais impõe a Deus seu trajeto espiritual. A santa doutora nos faz recordar que nem ao menos sabemos como orar, por isso é necessário que o Espírito ore em nós. Assim iluminada, a Filha do Divino Zelo é chamada a uma profunda compreensão de que a eficácia do carisma fundacional não está em seus méritos, mas na misericórdia de Deus. Nessa dinâmica, clamar pelos operários será a expressão da confiança em Cristo que eleva ao Pai a súplica feita em obediência ao mandamento evangélico do Rogate. O caminho está em abandonar-se em Deus, deixando que Ele tudo conduza, entregando humildemente as súplicas que o Espírito suscita no coração e crendo que o Senhor se deixa vencer pela humildade.⁸⁸

A falta de humildade⁸⁹ e gratidão⁹⁰ podem ser uma causa da esterilidade da súplica pelas vocações para a Igreja. A relação entre oração mística e humildade encontra-se em todas as páginas teresianas e está intrinsecamente unida à noção de oração como “fortaleza de onde se veem verdades”.⁹¹ Oração é “entender verdades”⁹²: quem é Deus, quem sou eu, como faremos para que sejamos conformados a Ele. Com isso aprendemos que a súplica rogacionista é a visibilidade dos sentimentos de Cristo frente ao sofrimento da humanidade e rezá-la é fazer memória destes sentimentos do Senhor que passam a ser da Filha do Divino Zelo que caminha rumo a conformidade com Ele. Nesta dinâmica, a humildade, segundo santa Teresa, é condição para que o Senhor atenda e “faça muitas mercês” a quem lhe suplica.⁹³ Santa Teresa nos leva a compreender que humilde é quem, como Jesus, afirma a primazia absoluta de Deus e dos irmãos, que se perde a si mesmo e rompe com as cadeias do egoísmo, fazendo do amor uma resposta a um Amor recebido e experimentado e que, em nosso contexto, move a Filha do Divino Zelo a unir-se a súplica do Senhor: “*Rogate ergo Dominum messis ut mittat operarios in messem suam*”.

⁸⁷ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 18,6.

⁸⁸ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 4,2,9.

⁸⁹ Cf. Ibid., 3,1,6.

⁹⁰ Cf. Id., Livro da Vida, 15,11.13; 11,15.18; Id. Castelo Interior ou Moradas, 2,1,7-8; 3,1,6-9.

⁹¹ Ibid., 21,5.

⁹² Cf. Id., Caminho de Perfeição, 22,8; Id., Fundações, 1,13.

⁹³ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 4,2,10.

Prossigamos na contemplação de Maria-Marta, ícones para a vocação da Filha do Divino Zelo.

9.2.

“Marta-Maria-Marta”: um itinerário de união com Cristo

9.2.1.

“Marta e Maria” a partir de santa Teresa de Jesus

Pelo percurso feito até aqui, podemos dizer que a vida espiritual de santo Aníbal Maria, mesmo que não tenha relatos explícitos de uma vida perpassada por fenômenos místicos, foi uma vida mística, de profunda unidade com Deus, de quem verdadeiramente chegou às sétimas moradas da vida espiritual. Dizemos isso pautadas nos frutos que deixou, pois uma vida espiritual estéril seria incapaz de dar os bons frutos da caridade com tanta abundância como puderam, e podem ainda hoje, ser recolhidos de sua história. Como vimos, em 1911, ao escrever o primeiro regulamento para as Filhas do Divino Zelo, exortou-as a buscarem uma vida de santidade para si, para suas coirmãs e para todos os que Deus lhes confiasse, principalmente para cumprirem o mandamento do Rogate. Enfim, uma vida santa e santificante que tivesse como fruto a oração pelos bons operários para a messe, a propagação desta oração e o fazer-se operária na messe do Senhor. “Maria e Marta”⁹⁴ foram apresentadas às Filhas do Divino Zelo como modelos de mulheres que souberam unir contemplação e ação na conformação a Cristo. Com elas a Filha do Divino Zelo é convidada a crescer em intimidade com o Senhor, testemunhando por seu agir a alegria deste “trato de amizade” que fundamenta a sua própria existência.

“Marta e Maria”, mulheres evangélicas, aparecem com destaque nas moradas finais de santa Teresa. Pelo trajeto espiritual de santo Aníbal, compreendemos que teve na doutrina teresiana a inspiração que o levou a indicar esse caminho para suas religiosas. Voltar à fonte teresiana é reencontrar o consistente alimento espiritual que moveu Aníbal em seus empreendimentos espirituais e caritativos.

⁹⁴ Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 723; FIGLIE DEL DIVINO ZELO, Costituzioni, 8.

Lembramos que a tradição cristã se valeu da história das irmãs de Betânia⁹⁵, onde ambas recebem Jesus em sua casa, apresentando Maria como aquela que se senta aos pés do Senhor para escutar suas palavras, enquanto Marta se ocupa dos afazeres da casa para melhor acolher a visita. Na cena vemos Marta reclamar com o Senhor porque sua irmã não a ajuda, e a resposta de Jesus traz uma novidade para a época: “Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que lhe não será tirada”.⁹⁶ Neste contexto, Jesus não trata Maria como a uma mulher de sua época, pois à mulher cabia servir e não se sentar aos pés de um Mestre para escutar uma lição como os homens.⁹⁷

Já em *Caminho de Perfeição*, santa Teresa nos dirá da importância de “Marta” em seus mosteiros e do quanto são necessárias ao Senhor:

Santa era Marta, e não dizem que fosse contemplativa. Logo, que mais desejais do que poder chegar a ser como essa bem-aventurada, que mereceu ter Cristo Nosso Senhor tantas vezes em sua casa, dando-Lhe de comer, servindo-O e comendo com Ele à sua mesa? Se todos ficassem como Madalena, embevecida, não haveria quem desse de comer a esse divino hóspede. Pensai, pois, que esta congregação é a casa de Santa Marta, devendo nela haver de tudo; e quem for levada pela vida ativa, não fique murmurando contra as que muito se absorverem na contemplação, pois sabe que, mesmo que elas se calem, o Senhor sai em sua defesa, já que, na maior parte do tempo, Ele as faz se descuidarem de si e de tudo.⁹⁸

Vemos que santa Teresa demonstra grande preocupação pelos dons de cada religiosa, sabe que cabe ao Senhor os rumos da vocação de cada uma e as ajuda a compreender e acolher a graça e a missão que lhes vem em particular. Como bem nos indica nossa santa Madre, o que vale é muito amar na contemplação e nas obras. Porém, sua pedagogia vai pouco a pouco tirando de diante de suas filhas espirituais os riscos de caírem nas armadilhas de quem está neste caminho da oração. Ser “Marta”, porém sem desfazer de “Maria”, sabendo que se for da vontade do Divino Amigo, também lhe caberá um dia estar aos seus pés. Da mesma forma, ser “Maria” sem fechar-se egoisticamente, mas dando passos na

⁹⁵ Cf. Lc 10,38-42.

⁹⁶ Lc 10,41-42.

⁹⁷ Cf. Sobre este tema podemos consultar: LUGO BERTRÁN, D. La cocina de Teresa de Jesús: topos e iconografía de Marta y María de Betania. In: VIANNA PERES, L. R.; ASSIS PACHECO, L. R. (Eds.). CONGRESO INTERNACIONAL «CULTURAS GLOBALIZADAS: DEL SIGLO DE ORO AL SIGLO XXI. 2017, Pamplona. Actas del Congreso Internacional “Culturas globalizadas: del Siglo de Oro al siglo XXI”. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra; Colección BIADIG (Biblioteca Áurea Digital), 39; Publicaciones Digitales del GRISO, 2017. p. 145 passim.

⁹⁸ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 17,5.

unidade que leve a religiosa a compreender que muito se ama amando e amando no cotidiano, nas oportunidades que a vida apresenta.

Recordai-vos de que é necessário ter alguém que faça a comida do Senhor, e considerai-vos felizes por O servirdes como Marta. Vede que a verdadeira humildade reside em nossa disposição de nos contentar com aquilo que o Senhor quiser de nós e em nos considerar sempre indignas de ser tidas por servas Suas. Se contemplar, ter oração mental, ter oração vocal, curar enfermos, servir nas coisas da casa e trabalhar – mesmo nas tarefas mais humildes – é servir ao Hóspede que vem ter conosco, ficando em nossa companhia, comendo conosco e conosco se recreando, que nos importa servi-Lo mais de uma maneira do que de outra?⁹⁹

Temos aqui um belo incentivo para as Filhas do Divino Zelo, que são reconhecidas em suas Constituições¹⁰⁰ como um Instituto Religioso de vida contemplativa e ativa. Muitas das filhas espirituais de santo Aníbal Maria se encontram espalhadas pelos cinco continentes, servindo a Igreja em obras socioeducativas, de promoção da mulher, do idoso, dos migrantes, enfim, junto aos mais necessitados, sejam essas necessidades espirituais ou materiais. Muito agrada ao Senhor que suas esposas o sirvam com as obras que realizam, sejam elas pequenas ou grandes, reconhecidas ou não pela sociedade e até mesmo por algumas instâncias eclesiais. São obras que nasceram da união do fundador com o Senhor e que hoje encontram ressonância na vida de cada consagrada Filha do Divino Zelo.

Porém, é de fundamental importância que as obras realizadas pela Filha do Divino Zelo sejam o fruto do trato de amizade, da conformidade a Cristo, para que não sejam as religiosas “funcionárias” bem ou mal remuneradas no serviço que prestam à Igreja, exploradas ou exploradoras das oportunidades que têm. Estar fora da dinâmica do amor é desligar-se da Videira¹⁰¹, é ignorar as vestes batismais¹⁰², é ser um membro desligado do Corpo Místico do Senhor e estar condenada, mais cedo ou mais tarde, a deixar que o primeiro amor seja abandonado¹⁰³ em troca de compensações passageiras e ilusórias que nos tornam pessoas mornas¹⁰⁴ que em nada agradam a Deus. Logo, é preciso, que “Marta e Maria” caminhem juntas:

⁹⁹ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 17,6.

¹⁰⁰ Cf. FIGLIE DEL DIVINO ZELO, Costituzioni, 4.

¹⁰¹ Cf. Jo 15.

¹⁰² Cf. Gl 3,27.

¹⁰³ Cf. Ap 2,4.

¹⁰⁴ Cf. Ap 3,16.

Esta é uma grande graça do Senhor (união), porque quem a recebe tem vida ativa e contemplativa ao mesmo tempo. Os que ficam nesse estado de todo servem ao Senhor, no que quer que façam. Porque a vontade faz o seu serviço, sem saber como age, e fica em sua contemplação; as outras duas faculdades fazem o trabalho de Marta. Assim, Marta e Maria andam juntas.¹⁰⁵

Nisso reforçamos com santa Teresa:

Crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-Lo sempre consigo, não O recebendo mal e negligenciando a sua comida. Como Maria Lhe daria a refeição, assentada sempre aos Seus pés, se sua irmã não a ajudasse? Seu manjar consiste em que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhemos almas que se salvem e louvem a Deus para sempre.¹⁰⁶

Estamos na última morada do Castelo, onde “Marta e Maria” procedem juntas. As duas irmãs de Betânia são dois símbolos da vida humana. “Marta” é a ação, a imagem da pessoa que realiza obras, artífice da própria vida humana. “Maria” é a contemplação, com anseios, ideais, desejos de transcendência, a imagem do homem artista, filósofo, metafísico, místico. É necessário que na meta final estas duas vertentes do humano confluem ou procedam juntas, porque nas etapas precedentes da vida da pessoa, que santa Teresa retrata entre os das primeiras até as sextas moradas, é normal o conflito entre uma e outra. Chegar à fusão de “Marta e Maria”, de ação e contemplação, consistirá em unificar os dois planos na pessoa: a altura dos desejos, diante do baixo nível dos fatos ou resultados.¹⁰⁷

9.2.2.

A iluminação teresiana sobre a vida “contemplativa-ativa” da Filha do Divino Zelo

Em santo Aníbal Maria vimos que a Filha do Divino Zelo é convidada a ser “Maria-Marta”, isto é, a realizar toda e qualquer ação a partir da união com o Senhor. Porém, o fundador não utiliza deste ícone evangélico para fazer a distinção entre os graus de oração na vida de suas religiosas, o que não significa que o itinerário espiritual de santo Aníbal se contraponha à dinâmica espiritual teresiana. Santo Aníbal ao se referir ao ser “Maria” está mostrando a importância da vida de oração como base de todo o apostolado. O fundador indica às suas

¹⁰⁵ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 31,5.

¹⁰⁶ Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,4,13.

¹⁰⁷ Cf. ÁLVAREZ, T., Guida all'interno del Castello: lettura spirituale delle Mansioni di Teresa d'Avila, p. 208-210.

religiosas uma vida ascética, empenhada em agradar o Divino Esposo, a fim de receber a graça da união e de ver a própria vida conformada a Ele. No entanto, a Filha do Divino Zelo pode ser iluminada pela pedagogia teresiana da oração que apresenta de maneira mais sólida a gradualidade do percurso orante da pessoa.

Teresa distinguirá “Maria” como símbolo da oração mística e num primeiro momento apresenta “Marta” como ícone da oração ascética, aquela que se dá nos primeiros graus da vida espiritual. Assim, a Filha do Divino Zelo, iluminada pela espiritualidade teresiana, primeiro é chamada a ser “Marta”, ou seja, adentrar no caminho da oração pelo empenho pessoal da ascese e da vivência das virtudes, sempre com a consciência de que mesmo nesta etapa é Deus quem vem ao encontro e nada acontece fora dele. A doutrina teresiana colabora com a Filha do Divino Zelo ao dizer-lhe que existe um caminho espiritual a ser feito, que é necessário esperar em Deus, deixar que Ele conduza a oração e dê a cada uma as “mercês” que lhe apraz. À religiosa cabe o empenho de vida na busca permanente pelo Senhor, no demonstrar, mesmo que de maneira frágil seu desejo de seguir amando.

Como vimos na doutrina teresiana apresentada nos capítulos precedentes, isso acontece quando a pessoa segue em “determinada determinação”, sem deixar de praticar a oração, o jejum e até mesmo na aceitação das cruzes que lhe vem, como sinal de unidade com Cristo Crucificado. A perseverança no caminho de oração, a resistência em não sair fora do castelo, mesmo que esteja em pecado e se perceba uma criatura totalmente indigna de Deus, é condição para que “Marta”, que tanto padece em buscar a companhia do Senhor, um dia seja agraciada com as “águas torrenciais” que virão irrigar o jardim de sua alma. A pedagogia teresiana reacende na Filha do Divino Zelo a certeza na misericórdia de Deus que acolhe, em Cristo, suas míseras ofertas e que não deixa sem recompensa a menor das iniciativas.

Compreendemos aqui que “Marta” é a imagem da religiosa que se encontra nas primeiras moradas, no grau ascético da oração, empenhada em oferecer ao Senhor a gratidão pelo Amor por Ele oferecido, e que busca na prática da ascese e das virtudes agradar a Deus. No entanto, santa Teresa afirma que, para chegarmos a integração entre a ação apostólica e a contemplação, é necessário tempo. No

pensamento teresiano, a oração mística necessita de um prévio ordenamento ascético da vida.¹⁰⁸

Não há mística sem ascese, não há oração sem virtudes, as virtudes são premissas da oração, isto é, condicionam e avivam a união com Deus e ajudam no percurso de conformação da pessoa a Ele.¹⁰⁹ A ascese tem uma positiva incidência sobre as virtudes, essas dependem da ascese, certamente não na sua origem, já que as virtudes cristãs vêm infusas pela graça, mas no seu desenvolvimento e na sua atuação, uma vez que, sem o nosso dinamismo as virtudes, mesmo que infusas, permanecem em estado de pura potencialidade e virtualidade.¹¹⁰ Aqui, a vida ascética tem por finalidade a união com Deus¹¹¹, criar este espaço, corroborando à vontade e formando o caráter. A ascese cristã atinge seu objetivo quando a pessoa que a vive coloca toda a sua vida nas mãos de Deus e se oferece ao sopro do Espírito para o serviço da Igreja. Por isso, os santos, através da renúncia pessoal e da purificação, tornam-se pessoas livres, com uma capacidade de serviço e um campo de atividades que parecem superar as suas qualidades naturais. A ascese quer libertar de todo o condicionamento externo e interno, habilitando à uma vida espiritual que tem seus frutos na caridade.¹¹²

Na dinâmica teresiana a ascese é o empenho radical e fundamental, de corrigir, de retificar, de cristianizar a nossa atitude interior no encontro com toda a escala dos valores para ter o domínio e poder dispor com liberdade para realizar o nosso encontro pessoal com Deus, único objetivo da ascese cristã.¹¹³ Logo, a ascese não é outra coisa que o processo iniciado da graça de Cristo para iluminar a mente e o coração, recompor a unidade perdida, restaurar a imagem deturpada do humano, restabelecer a comunhão quebrada em um dinamismo que leve o homem a tornar-se perfeitamente semelhança com seu Criador.¹¹⁴ Quando a oração é assumida, deve absolutamente estar articulada a uma ascese metódica, assim o esforço de “Marta” na busca de bem servir ao Senhor e dele se aproximar, abrirá espaço para que Ele se torne o protagonista desse encontro de corações, fazendo emergir “Maria” que nunca se cansa de ouvi-Lo e colocar em prática o amor

¹⁰⁸ Cf. ALVAREZ, T., *Ascesi e preghiera*, p. 15.

¹⁰⁹ Cf. Id., *Dottrina spirituale di Santa Teresa di Gesù*, p. 100.

¹¹⁰ Cf. Id., *Ascesi e preghiera*, p. 7.

¹¹¹ Cf. DI FRANCIA, Scritti. *Regolamenti* (1883-1913), v. 5, p. 35.

¹¹² Cf. CASTELLANO, J. C., *L'ascesi Cristiana come evento pasquale*, p. 302.

¹¹³ Cf. ALVAREZ, T., *Ascesi per l'unione con Dio*, p. 57.

¹¹⁴ Cf. CASTELLANO, J. C., *op. cit.*, p. 287.

recebido. A graça da contemplação chegará segundo os desígnios do Divino Amigo que vê o esforço de cada alma em buscá-Lo e desejá-Lo. Quando a pessoa chega nessas moradas mais avançadas “Marta e Maria” se unem, pois aquela que se empenhou em agradar ao Senhor poderá sentar-se aos seus pés para ouvi-Lo e desfrutar de sua presença:

[...] O Senhor afirmou que Maria escolhera a melhor parte. É que já tinha feito o ofício de Marta quando serviu o Senhor, lavando-Lhe os pés e enxugando-os com os seus cabelos. E pensais que terá sido pequena a mortificação para ela, uma senhora que era, ir pelas ruas, talvez só (já que o seu fervor a impedia de refletir), entrar onde nunca tinha entrado e sofrer depois as acusações do fariseu, bem como muitíssimas outras coisas? [...] Eu vos digo, irmãs, que essa “melhor parte” veio já depois de muitos sofrimentos e mortificações [...] que ela não estava sempre com deleite de contemplação aos pés do Senhor.¹¹⁵

Nesta dinâmica as irmãs de Betânia não mais se separam, pois, aquela que está aos pés do Senhor, já esteve ao seu serviço no enfrentar os sofrimentos e acusações por amor a Ele. “Maria” que ouve e se une plenamente ao Esposo, já tendo sido “Marta”, no auge da união com o Senhor torna-se novamente, na vida cotidiana, aquela que O serve na caridade para com todos. Vemos que o itinerário espiritual de santa Teresa se inicia com a vida ascética e pouco a pouco chega à vida mística, mas a santa não para nos fenômenos místicos, ou seja, depois de ter chegado à via mística, continua ainda a caminhar, agora em direção à vida ascética, porém em outra dimensão, trata-se de uma ascética com o objetivo de zelar pela vida da humanidade. Nas três primeiras moradas emerge a importância do esforço pessoal, nas quatro últimas irrompe e prevalece a passividade mística e nessa dimensão o trabalho em prol da salvação dos irmãos e irmãs emerge como fruto da união com o Senhor.¹¹⁶ Nas sétimas moradas, que representam o ponto culminante da ascese espiritual, santa Teresa insiste novamente na necessidade de colaborar com a obra de salvação dividindo os serviços de Cristo: “Sabeis o que significa ser de fato espiritual? É fazer-se escravo de Deus, marcado com o Seu selo, o da Cruz. Assim nos poderá vender como escravo de todo mundo, como Ele próprio foi”.¹¹⁷

A união com Deus não significa jamais fechar-se egoisticamente em si mesmo. O próprio itinerário místico ensinou à santa Teresa que, quanto mais o

¹¹⁵ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,13.

¹¹⁶ Cf. ANTONIO PIGA, La pedagogia ascetico – mística di Teresa d’Avila, p. 18.

¹¹⁷ SANTA TERESA, op. cit., 7,4,8.

amor se aproxima de Deus e vem inundado das comunicações divinas, mais vivo sente também o desejo de se solidarizar com o seu plano universal de salvação, declarando-se pronto a dar “mil vidas, para salvar uma única alma entre as muitas que se perdem”.¹¹⁸ Diante da ascese negativa, ou seja, a prática da mortificação ou da vida penitente, certamente pautada na vida dos grandes santos, que, um a um passaram pelo caminho da oração e da penitência¹¹⁹, nossa santa doutora não recua e mostra como caminho válido afirmando que oração e vida cômoda são incompatíveis:

A nossa primeira Regra diz que oremos sem cessar. Por isso, façamo-lo com todo o cuidado possível, que é o mais importante, não deixando de cumprir os jejuns e disciplinas, bem como o silêncio requerido pela Ordem; porque já sabeis: para que a oração seja verdadeira, devemos recorrer a isso, pois os prazeres e a oração são incompatíveis.¹²⁰

A experiência ascético-mística de santa Teresa se identifica com a vida de oração como serviço à Igreja. A unidade destes ícones da espiritualidade teresiana nos apontam para a unidade necessária entre a ascese e a mística, para que ambas se ajudem mutuamente para realizar a graça. Pois, como a vida ordinária não se realiza sem a graça de Deus, também a vida mística tem necessidade da vida ascética. O objetivo da ascese e da mística é o mesmo, isto é, ambas orientam em direção à união com Deus. A vida ascética e a vida mística não se contradizem, ao contrário se ajudam sempre no caminho de união com Deus já que o batismo é a fonte comum de ambas e todo o itinerário espiritual vem da iniciação batismal.¹²¹ A dinâmica de “Marta-Maria-Marta”, que retrata o itinerário teresiano da ascese-mística-ascese, aponta em direção à plenitude vocacional da Filha do Divino Zelo.

9.2.3.

A integração entre mística e apostolado no itinerário da Filha do Divino Zelo

Olhemos “Marta e Maria” a partir da última página de *Castelo Interior ou Moradas* que, na verdade, é uma síntese doutrinal na qual emerge a sabedoria evangélica acumulada no coração de santa Teresa. Quem lê o último capítulo do livro tem a síntese de todo o ensinamento teresiano sobre a oração, sobre Cristo,

¹¹⁸ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 1,2.

¹¹⁹ Cf. ALVAREZ, T., *Ascesi e preghiera*, p. 22.

¹²⁰ SANTA TERESA, op. cit., 2,1.

¹²¹ Cf. CASTELLANO, J. C., *L’ascesi Cristiana come evento pasquale*, p. 298.

sobre a Igreja e sobre as virtudes fundamentais do cristianismo. Aqui nossa doutora revela o segredo de sua doutrina sobre oração-vida que é característica de seu ensinamento, como une o fervor da oração às obras realizadas, o amor de Deus ao amor pelo próximo, o amor a Cristo à identificação com a sua pessoa, até viver nele e como Ele, também no mistério da Cruz e sempre a serviço da Igreja.¹²²

Dois aspectos deste texto merecem destaque. O primeiro se refere à síntese sobre a oração teresiana que chega a uma preciosa “unidade de vida”¹²³. O segundo aspecto é a apologia dos efeitos santificantes e apostólicos da vida mística, que vão direcionando a pessoa para a plena identificação com Cristo e para a eclesialidade da experiência mística. O auge desse testamento espiritual de santa Teresa nos lança em uma visão do valor das obras apostólicas que flui da plenitude da experiência trinitária que vê o místico, como Cristo, cumprir um êxodo de Deus em direção aos irmãos, envolto no movimento trinitário do amor, a imagem de Cristo que permanece e sai da comunhão trinitária para cumprir a obra da salvação. Neste ponto as obras do cristão tomam um valor sacramental de manifestação do amor por Deus, de autênticos sinais de amor de Deus pela humanidade através dos que permanecem unidos a Ele e que também o derramam nas obras de amor a serviço dos irmãos.¹²⁴

A Filha do Divino Zelo iluminada pela pedagogia teresiana da oração compreenderá que as sétimas moradas são um tempo propício para que os frutos do percurso sejam partilhados “no exterior do Castelo”. Com isso não queremos dizer que o tempo que precede essas moradas seja um tempo estéril em obras e tão pouco que nas sétimas moradas teremos uma desculpa para justificar nossos ativismos. Mas, é na morada final, que o cristão chega à unidade entre o ser e o fazer, entre a ascese, a mística e o apostolado. Santa Teresa nos diz que: “Pois isto é oração, filhas minhas; para isto serve este matrimônio espiritual: para fazer nascer obras, sempre obras!”¹²⁵ Trata-se de um fazer nunca separado do ser. Como vimos, “Marta e Maria” devem agir juntas, o que resultará em uma contemplação fecunda em obras, de maneira que as obras façam parte da união

¹²² Cf. CASTELLANO, J. C., *Servire la Chiesa con la preghiera e l'azione apostolica: testamento dottrinale di Santa Teresa*, p. 236.

¹²³ Cf. HERRAIZ, M., *La oración, historia de amistad*, p. 175-198.

¹²⁴ Cf. CASTELLANO, J. C., *op. cit.*, p. 237-238.

¹²⁵ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,4,6.

com Cristo e sejam oportunidade de encontro e unidade.¹²⁶ Teresa dirá que do maior ao menor ato que a consagrada realizar, se estiver “fora de Cristo”, se o realizar movidos por si mesma, não passará de ‘delírio’:

No pouco que dura esta vida – e talvez seja ainda menos do que pensamos –, ofereçamos interior e exteriormente ao Senhor o sacrifício que pudermos. Sua Majestade o unirá ao sacrifício que ofereceu ao Pai na Cruz por todos nós. Assim, conferirá a ele o valor merecido pelo nosso amor, embora sejam pequenas as obras.¹²⁷

Num contexto onde as mulheres não podiam levar adiante missões que hoje nos são mais acessíveis, tais como ensinar e fazer pregações, como faziam os apóstolos¹²⁸, Madre Teresa as estimula a fazer bem tudo o que fizerem, não se escondendo na espera de coisas utópicas que poderiam ser feitas e deixando de fazer aquelas possíveis do cotidiano: “[...] porque o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que são realizados. E, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade nos dará forças para fazê-lo cada dia mais e melhor”.¹²⁹ O castelo se abre para fora, “Marta e Maria” permanecem unidas em um círculo que dinamiza o amor recebido e doado a Deus e aos Irmãos como cumprimento da própria vontade de Deus manifesta no Cristo, Servo de YHWH e na Virgem, escrava do Senhor¹³⁰:

[...] mas nunca, nem num primeiro movimento, a alma distorce a vontade de que nela se faça a de Deus. Tem tanta força essa entrega à vontade de Deus que a alma não quer nem a morte nem a vida, a não ser por pouco tempo, quando deseja ver a Deus; mas logo lhe é representado que estão presentes essas três Pessoas com tanta força que, com isso, se aplaca o sofrimento dessa ausência, e fica o desejo de viver, se Ele quiser, para mais servi-Lo e de, se pudesse, contribuir para que uma única alma O amasse mais e O louvasse por sua intercessão. Porque, mesmo que por pouco tempo, isso lhe parece ser mais importante do que estar na glória.¹³¹

Já em *Caminho de Perfeição*¹³² santa Teresa trazia presente este elemento tão importante no itinerário de uma pessoa que busca a oração: no contemplativo, a vida é unificada. Aqui a Filha do Divino Zelo encontra elementos que ajudam a acabar com a dicotomia entre oração e ação, entre atenção ao transcendente e

¹²⁶ Cf. ALVAREZ, T., Guida all'interno del Castello: lettura spirituale delle Mansioni di Teresa d'Avila, p. 286-287.

¹²⁷ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,15.

¹²⁸ Ibid., 7,4,14.

¹²⁹ Ibid., 7,4,15.

¹³⁰ Cf. ALVAREZ, T., op. cit., p. 288.

¹³¹ SANTA TERESA, As Relações, 6,9.

¹³² Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 31,5.

presença nos trabalhos cotidianos, inclusive naqueles mais simples e corriqueiros. Como vimos, “Marta e Maria” caminham juntas, contemplação e apostolado se mesclam e se unem entre si, pois, os que buscam oração, os que permitem que a vida se faça oração, olham de maneira diferente para o que fazem, penetram de modo novo todas as dimensões da vida e entendem que a contemplação e a ação se fundem em uma vida regida pela Vontade Divina.¹³³

É como uma forte chamada à realidade que santa Teresa faz a apologia da unidade de vida com um apelo à unidade indissolúvel entre contemplação e ação, representadas por Maria de Betânia e Marta. Como vimos, antes de tudo, uma afirmação sobre a unidade entre oração e vida, arrancando o cristianismo do risco de fechar-se em um pietismo irreal, distanciando do amor ativo:

Repito que, para que o façais, não deveis assentar vossos alicerces só em rezar e contemplar. Com efeito, se não buscardes virtudes e o exercício delas, sempre ficareis anãs. E praza a Deus que não seja apenas no crescer, porque já sabeis que quem não cresce diminui. Tenho por impossível que o amor, se o houver, se contente em limitar-se a um ser.¹³⁴

A vida espiritual, a integração entre “Marta e Maria”, é um crescimento harmônico de oração e de virtude. Assim, a Filha do Divino Zelo que se torna “espiritual”, cresce e amadurece na oração que a une com Deus e nas obras com as quais ama a Deus no amor doado aos irmãos, resplandecendo a unidade de Deus na própria vida. A oração leva ao espaço vital da existência, lugar apropriado para testemunhar a veracidade do amor que se recebe na intimidade com o Senhor. Prescindir a unidade de vida contemplativa e apostólica é a certeza de uma deformação espiritual e humana. Ao invés, uma oração que busca a coerência das atitudes cristãs, plasma cristãos autênticos e santificados. O amor verdadeiro tem em si um dinamismo natural de crescimento e de criatividade.¹³⁵

Santa Teresa estimula que se busque a oração não para gozar de seus prazeres, mas para ter força para servir.¹³⁶ Este é o florescer da vida dos santos, homens e mulheres que não viveram o frenesi de milhares de atividades iniciadas por uma necessidade pessoal de autoafirmação ou pela fuga de um encontro mais profundo consigo e com Deus, mas que viveram e fizeram tudo o que fizeram

¹³³ Cf. ALVAREZ, T., Guida all'interno del Castello: lettura spirituale delle Mansioni di Teresa d'Avila, p. 91.

¹³⁴ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,9.

¹³⁵ Cf. Ibid., 7,4,9.

¹³⁶ Cf. Ibid., 7,4,12.

como consequência da união com Deus, como ato de amor e gratidão ao Deus que com eles estabeleceu intimidade. O apostolado como fruto da vida interior não é estéril, é vida gerada primeiramente em Deus e que se entrega em sacrifício pelo bem da humanidade. Como vimos, é caminho que também promove a unidade com Deus, que vem amado nos irmãos e irmãs e em toda a Sua criação.

Enfim, a Filha do Divino Zelo, por sua consagração e missão em um Instituto de vida contemplativa e ativa, precisa colocar-se no caminho de “Maria-Marta”, ou melhor dizendo, de “Marta-Maria-Marta”, na permanente busca da unidade de vida, da unidade entre ascese, contemplação e serviço. A religiosa é chamada a escutar o Senhor e saber acolhê-Lo, com vistas à maior glória de Deus, a própria santificação e a santificação de seus irmãos e irmãs.

9.2.4.

A santidade como amor vivido

A graça suprema deste caminho é ser semelhante a Cristo e a santidade cristã é a primeira resposta que santa Teresa propõe partindo da certeza de que Deus não pode dar-nos maior graça que conceder-nos uma vida conforme a de seu Filho.¹³⁷ A santidade é a conformação a Cristo no ser e no agir. Ele é o modelo supremo e tudo o que Deus fez no “Filho Amado” é a medida do quanto Deus fará com aqueles que Ele ama. Nesta etapa todas as graças místicas estão ordenadas para a conformação a Cristo com o objetivo de fortalecer-nos em nossas fraquezas para podermos imitar ao Senhor no muito sofrer.¹³⁸ Uma vida em Cristo, marcada pelo sofrimento com Ele e como Ele, é o cume da santidade cristã. As graças místicas contribuem para sanar e fortalecer a pessoa em suas debilidades, colocando-a em condições de sofrer com Cristo, isto é, de servi-Lo.¹³⁹

Vemos uma configuração a Cristo, uma participação em seus sofrimentos, sustentado nas experiências de união com o Senhor, que desembocam no serviço eclesial. As graças místicas serão destinadas a conformar interiormente o homem a Cristo, sanando e fortalecendo as debilidades da natureza. A criatura será cuidada nas profundas feridas de seu pecado, a graça restituirá as energias adormecidas, libertará as forças paralisadas, preparará um amor semelhante ao de

¹³⁷ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,4.

¹³⁸ Cf. Ibid., 7,4,4.

¹³⁹ Cf. Id., Livro da Vida, 40,23.

Cristo no dom do serviço e do sofrimento, até fazer de si dom para os outros.¹⁴⁰ Assim iluminada, a Filha do Divino Zelo poderá assumir com maior empenho a proposta de santidade feita pelo Mestre e renovada no convite da Igreja. Nos tempos atuais, Papa Francisco, lembra a todos o convite à santidade que Deus destina a seus filhos e filhas.¹⁴¹ A vivência das bem-aventuranças serão um caminho de santificação para todos que quiserem ver suas vidas conformadas a de Cristo.

A consagrada Filha do Divino Zelo, fundamentada em sua herança espiritual-carismática e iluminada pela espiritualidade teresiana, pode retomar cotidianamente o caminho de santificação, para que a Luz de Deus brilhe através de sua vida e ilumine a messe que lhe é confiada. A abertura e busca pela santidade faz emergir o amor que produz o êxtase, que permite estar fora de si, colocando-se na pessoa amada, esquecendo da própria vida, da própria honra e até mesmo do próprio repouso.¹⁴² Esquecer-se de si é um sentimento característico daquelas pessoas que aderiram a Deus com todo o coração, sendo os santos exemplos muito visíveis dessa adesão.¹⁴³ A proporção desta saída de si desenvolve um amor criativo que se polariza em Deus, uma santa inquietude por traduzir em obras o amor que se tem por Deus¹⁴⁴:

[...] se ela está muito com Ele, como deve ser, pouco deve se lembrar de si. Toda a sua lembrança se concentra em contentá-Lo mais, bem como em mostrar-Lhe o amor que tem por Ele. Pois isto é oração, filhas minhas; para isto serve este matrimônio espiritual: para fazer nascer obras, sempre obras.¹⁴⁵

Neste processo a oração é o momento fundamental da criatividade apostólica, o lugar onde se escruta a vontade de Deus e se aguça a sensibilidade para compreender por quais caminhos servir ao Senhor, testemunhando os anseios e desejos que emergem na oração. A oração se torna um estímulo à eficácia da vida e é nesta perspectiva de madura unidade vital que santa Teresa lança o seu desafio que leva a oração à ação, em uma verdadeira apologia da espiritualidade da ação apostólica. Trata-se de fazer eficaz o amor que vem com a oração através

¹⁴⁰ Cf. CASTELLANO, J. C., *Servire la Chiesa con la preghiera e l'azione apostolica: testamento dottrinale di Santa Teresa*, p. 238-239.

¹⁴¹ Cf. FRANCISCO, PAPA, *Exortação apostólica, Gaudete Ex Esultate*, 6.

¹⁴² Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,4,6.

¹⁴³ Cf. *Ibid.*, 7,4,11.

¹⁴⁴ Cf. CASTELLANO, J. C., *op. cit.*, p. 240

¹⁴⁵ SANTA TERESA, *op. cit.*, 7,4,6.

das obras a serviço de Deus por meio dos irmãos, o que nos insere na mesma dinâmica com a qual Deus empreendeu a obra da salvação. Para a santa doutora, a oração, quando exprime o verdadeiro desejo de estar com Deus, tem sempre um efeito salutar sobre a vida, independente das incoerências nas quais se incorre, já que é o próprio Deus que nos santifica para trabalhar para Ele. O ideal é traduzir em obras os propósitos:

Eu quis dizer que o benefício é pequeno em comparação com a grande coisa que é harmonizar as obras com os propósitos e as palavras. Quem não conseguir fazer tudo de uma vez deve fazê-lo pouco a pouco. Vá dominando a sua vontade, se quer tirar proveito da oração.¹⁴⁶

Santa Teresa convida todo cristão, e, em especial, a Filha do Divino Zelo, a fixar seu olhar em Jesus Cristo¹⁴⁷, o modelo a ser seguido, o Esposo sobre o qual é necessário que a Igreja fixe com amor o seu olhar, sabendo que para ser verdadeiramente espiritual é necessário ser, como já foi dito, “escrava de Deus”, marcada pela sua Cruz, feita escrava de todos, como Ele mesmo foi.¹⁴⁸

Com tudo isto, a doutrina teresiana ilumina o carisma da Filha do Divino Zelo no caminho seguro para tornar-se “Marta-Maria-Marta”, para unir contemplação e apostolado, na busca da santificação pessoal e de toda a messe. A Filha do Divino Zelo que é chamada a consagrar sua vida na oração pelas vocações é conduzida pelo Senhor a fazer da vida vocação pela salvação da humanidade. A exemplo do Divino Esposo, é convidada a tomar a Cruz de cada dia e prosseguir em sua entrega de amor. A santidade da Filha do Divino Zelo, sua verdadeira espiritualidade, tem seu cume e modelo em Cristo, o Servo de Deus e o Servidor da humanidade. Este dom de si à vontade de Deus e ao amor ao próximo se entrelaçam em Cristo pela mística do martírio e a mística do serviço. Ser mulher espiritual, ser “Maria”, consiste em entrar em comunhão plena com o Cristo Crucificado, naquela identificação suprema da Cruz na qual se vive em total dom da própria liberdade e no serviço total e gratuito, conforme Cristo.

A Filha do Divino Zelo que busca a santidade será um Crucifixo vivente, uma serva, por amor a Deus e conseqüentemente a toda a humanidade. O apostolado deixa de ter o protagonismo na ação e passa a ser o fruto do amor

¹⁴⁶ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,7.

¹⁴⁷ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 2,1; Id., Castelo Interior ou Moradas, 1,2,11.

¹⁴⁸ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,4,8.

vivido e experimentado junto ao Senhor. Da ascese rumo à vida de oração, a Filha do Divino Zelo passa a viver a ascese rumo a entrega pela vida dos irmãos e irmãs necessitados, a viver o sacrifício da própria vida junto com o Divino Esposo para que não se perca nenhum daqueles que o Pai lhe confiou, o que vai ao encontro das recomendações do fundador nas Regras de 1911:

As Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus, para tornarem-se dignas deste santo Nome que mostra a predileção do Coração de Jesus por elas, terão um espírito de abnegação e de sacrifício. Essas serão preparadas e desejosas de imolar-se pela glória de Deus, para agradar ao Coração adorável de Jesus, pelas necessidades da Santa Igreja, e pela salvação e santificação das almas. [...] renunciando à própria vontade e ao próprio juízo [...] E de tudo isto não devem aspirar outra recompensa que agrada ao Coração Santíssimo de Jesus e ganhar-lhe almas.¹⁴⁹

A santidade pessoal e comunitária não se constrói sobre a areia. São necessárias pedras basilares que, para o cristão, sempre serão a humildade e o amor, duas atitudes que levam ao generoso serviço de fazer-se “escrava” por amor, na concretude da vida da comunidade cristã¹⁵⁰:

Desse modo, irmãs, para que esse edifício tenha bons alicerces, procure cada uma ser a menor de todas, e sua escrava, vendo como ou em que podeis servi-las e dar-lhes prazer. O que fizerdes neste caso o fareis mais para vós do que para elas. Assentareis pedras tão firmes que o vosso castelo não desabará.¹⁵¹

O amor torna-se serviço criativo em favor dos irmãos, porém, o primeiro beneficiado da graça da caridade é aquele que ama e serve, pois, o coração do cristão se purifica e fortalece amando os outros. A santidade cristã é amor vivido. O maior bem que pode fazer neste serviço é ajudar para que muitos entrem na mesma busca de amizade com Cristo e que ouçam o seu chamado, dispondo-se a caminhar com Ele ao longo de toda a vida, na coragem de ouvir Sua voz e dando o próprio “sim”, de maneira que “seu manjar consiste em que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhemos almas que se salvem e louvem a Deus para sempre”.¹⁵² Neste itinerário de santidade, nos deparamos com o Rogate, caridade para com a messe que necessita de santos operários e operárias.

¹⁴⁹ DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 729. [TN].

¹⁵⁰ Cf. CASTELLANO, J. C., *Servire la Chiesa con la preghiera e l'azione apostolica: testamento dottrinale di Santa Teresa*, p. 242.

¹⁵¹ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,4,8.

¹⁵² *Ibid.*, 7,4,12.

9.3.

Rogate: oração e apostolado da Filha do Divino Zelo

9.3.1.

Rogate: rezar em Cristo

Vemos na experiência de santo Aníbal Maria os passos dados para que ele próprio chegasse a união com Deus, para tornar-se “Maria-Marta” e pudesse deixar essa herança às suas filhas espirituais. Pela vivência do Rogate, além de enfrentar todos os desafios das primeiras moradas na busca e vivência da verdade, o contemplamos nas quintas moradas, precisamente quando, nos capítulos dois e três, santa Teresa descreve a experiência da transformação da pessoa com o símbolo do bicho da seda que se torna uma belíssima borboleta branca; é quando adquire o desejo de louvar a Deus e o empenho apostólico, para que outros possam conhecê-Lo e amá-Lo. Em um nível de grande maturidade afetiva e de uma abertura apostólica por amor ao Senhor, podemos dizer que o fundador caminha rumo às sétimas moradas, exortando sempre suas religiosas a se empenharem à perfeita unidade com a vontade de Deus para chegarem ao matrimônio espiritual, a unidade plena com o Senhor, ao Rogate realizado na comunhão com o Divino Esposo.¹⁵³

Como vimos, santo Aníbal Maria, desde jovem teve grande empenho ascético na busca da conformação a Cristo. Desde que assumiu o Rogate como caminho para sua santificação e a santificação da humanidade, colocou-o à frente de todos os seus empreendimentos espirituais e apostólicos. Podemos dizer que o Rogate é o fio condutor que leva santo Aníbal Maria à perfeita unidade com a vontade de Deus, chegando a se dedicar exclusivamente às obras de caridade, não por iniciativa particular ou por alguma ideologia social, mas por amor a Deus, pela amizade estabelecida com o Senhor, por ter chegado às sétimas moradas e compreendido que se ama a Deus amando os irmãos e se dedicando às obras de caridade que o próprio Senhor vai apresentando ao seu servo. O Rogate, para santo Aníbal, é semente de vida que Deus lhe confiou para ser multiplicada em frutos para a messe. Esta semente frutificou porque encontrou um terreno fértil no coração do santo, terreno cultivado na íntima união com o Senhor. A vida do fundador é testemunho da transformação que se dá através da graça e da união de

¹⁵³ Cf. DI FRANCIA, Scritti. Epistolario (1873-1900), v. 7, p. 31-32.

vida com Cristo, que comporta o cumprir com perfeição a Vontade de Deus. Tal conformidade à Vontade de Deus transforma a pessoa, fazendo colocar o amor ao próximo como sinal de Amor a Deus e é essa a herança espiritual-carismática que santo Aníbal Maria deixou para suas filhas espirituais, herança essa que pode ser robustecida no itinerário espiritual de santa Teresa, que tantas vezes nutriu a vida espiritual do fundador.

O Rogate, na proposta de encontro entre santo Aníbal Maria e santa Teresa de Jesus, assume um caráter místico, identidade da Filha do Divino Zelo em sua forma de relacionar-se com o Esposo. Passamos da oração vocal, onde a consagrada empenha todas as suas energias para manter acesa a chama dessa súplica que vem do próprio Cristo, para a oração contemplativa, em que a esposa já não usa de suas palavras para tal intercessão, mas unida ao Esposo, assume as súplicas de seu Divino Coração. Pelo amor, pela união entre Esposo e esposa, a oração pelas vocações torna-se fruto do Amor, da entrega plena que já não necessita de espaços isolados para realizar-se na vida individual e comunitária da Filha do Divino Zelo, mas é unidade dos dois corações, o Divino e o humano, o Amante e a amada, que levam ao cumprimento pleno a oração apresentada ao Pai. A esposa reza na voz do Esposo e é a voz do Esposo que se ouve pronunciada pela esposa em suas preces e apostolado.

Mas, como fazer com que essa esposa empenhe a vida em contrair matrimônio com o Esposo, Rei dos reis, Senhor dos senhores? Santa Teresa nos traz um itinerário confiável, não só porque teve êxito em sua vida de mulher consagrada e fundadora, mas porque falou e fala ao coração de homens e mulheres de todos os tempos, e como bem vimos, teve significativa incidência na vida de santo Aníbal Maria. Sigamos suas palavras ao referir-se à alma que se encontra nas sextas moradas, ou seja, no tempo do noivado, em que o Esposo se dedica a oferecer-lhe experiências místicas que lhe favoreçam o desejo e o empenho de vida para contrair tal matrimônio e unidade:

Tudo serve para aumentar-lhe os desejos de fruir do Esposo. E Sua Majestade, conhecedor da nossa fraqueza, vai capacitando-a com essas e muitas outras coisas, a fim de que ela tenha ânimo para unir-se a tão grande Senhor e toma-Lo por Esposo. [...] para desposar o rei do céu, digo-vos ser necessário mais ânimo do que pensais, já que a nossa natureza é muito mesquinha e baixa para tão grande coisa.

Tenho por certo que, se Deus não o infundisse na alma, apesar de tudo quanto vedes e dos numerosos proveitos decorrentes, ela não o poderia ter.¹⁵⁴

A iniciativa é do Senhor, Ele é quem conduz o caminho da Filha do Divino Zelo na realização plena de sua vocação de zelar pelo mandamento de seu Coração, ou seja, de pedir os santos operários para a messe. Vimos que o caminho de unidade com o Divino Esposo é graça, porém, que exige da pessoa um empenho ascético que pode ser compreendido como a demonstração de abertura e desejo de união com Deus da parte daquele(a) que reza. Neste contexto, a Filha do Divino Zelo precisa colocar-se permanentemente a caminho, consciente de que em tudo depende de Deus, inclusive para que sua oração seja a expressão de uma vida que se faz única com o Esposo. Trata-se do permanente crescimento no trato de amizade com o Senhor, até que se alcance a compreensão de que a própria oração é feita nele, com Ele e por Ele. Sua iniciativa é “colocar o próprio coração de molho nas águas de Deus”, confiando-lhe todos os anseios de sua vida e assumindo como seus os sentimentos de Cristo, todas as suas súplicas e preces, ciente de que cada gesto de oração-apostolado só encontra valor quando unido ao de seu Senhor e por Ele elevado ao Pai.

O Rogate é a súplica do Senhor feita memória na vida da Filha do Divino Zelo. A consagrada, unida a Ele, vive segundo os seus interesses e aqui dá-se a realização da Filha do Divino Zelo, no fazer-se dom, gerar vida para a humanidade, no viver o Rogate como entrega de si no Altar da Cruz, com o Cristo Crucificado-Ressuscitado. Mesmo em meio às dores da humanidade, de suas misérias e mortes, eleva em Cristo essa prece e com Ele experimenta a graça da Ressurreição, da vida nova que surge por meio daqueles que entregam a vida como resposta generosa de Amor ao Senhor. A vida da Filha do Divino Zelo, assim como a vida de santo Aníbal Maria, deve ser guiada pelo Rogate, dom carismático gerador de uma espiritualidade específica na Igreja, que abre para a consagrada o caminho para o Coração de Cristo, penetrando no mistério da sua Cruz e da sua morte, que chama ao matrimônio espiritual como condição para que o carisma não seja assumido como uma iniciativa pessoal ou uma simples ação piedosa e, talvez, filantrópica, em meio às misérias espirituais e materiais das grandes multidões de todos os tempos. Com o fundador compreendemos que a

¹⁵⁴ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,4,1-2.

verdadeira obediência ao mandamento do Rogate dá-se como ato de amor ao Divino Esposo:

Uma religiosa não obedecerá por medo servil, como é feito pelos pobres por medo de punição, ou por empregados por medo de serem multados ou perderem seus empregos; mas uma alma religiosa obedece por puro amor a Deus, para agradar ao adorável Coração de Jesus, para unir-se a Jesus em amor, para atrair para si suas graças divinas e bênçãos divinas, para tornar-se santo e preparar-se para aparecer rico em méritos e virtudes quando chamado por seu Esposo celestial para os esponsais eternos.¹⁵⁵

Na espiritualidade teresiana, esse amor chega à sua plenitude na união e conformação da alma a Cristo através do matrimônio espiritual, o que, então, torna-se uma urgência para a Filha do Divino Zelo. “Obras, obras” é o pedido da santa Madre no final de suas moradas, no entanto, obras de amor, obras que respondam ao amor e não ao ativismo vazio ou as projeções pessoais que giram em torno de responder às carências pessoais da consagrada. O símbolo teresiano do matrimônio evidencia a necessidade de uma vida de oração que não se conforme com a superficialidade das palavras, mas que se fundamente no “muito amar”, na abertura para receber de Cristo todas as luzes necessárias para a perfeita realização de sua vocação, na fé e esperança de que “Ele está em nós pela sua carne e nós estamos nele; e através dele, o que nós somos está em Deus”.¹⁵⁶

9.3.2.

O matrimônio espiritual na espiritualidade da Filha do Divino Zelo

No *Livro da Vida*, santa Teresa trata sua profissão religiosa como o matrimônio com o Senhor e apresenta suas dores por considerar que não correspondeu a essa aliança por longos anos:

Não sei como prosseguir ao me lembrar como cheguei à minha profissão, a grande determinação e contentamento com que o fiz, a aliança que fiz convosco. Não posso dizê-lo sem lágrimas; e estas teriam de ser de sangue, despedaçando-me o coração, e ainda assim não seria demasiado pelo tanto que depois Vos ofendi.¹⁵⁷

Como fundadora, compreende o novo estilo de vida religiosa em chave esponsal, como expressa ao tratar da primeira fundação: “[...] elas não pensam em

¹⁵⁵ DI FRANCIA, Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 194. [TN].

¹⁵⁶ SANTO HILÁRIO, Tratado sobre a Trindade, p. 246.

¹⁵⁷ SANTA TERESA, Livro da Vida, 4,3.

ver ninguém a não ser para mais se inflamarem no amor do seu Esposo [...]”¹⁵⁸; e ainda: “A casa proporciona grande facilidade para que vivam em paz as que quiserem fruir a sós de Cristo, seu Esposo”.¹⁵⁹ Em *Caminho de Perfeição* dirá que todas as almas, pelo batismo, são esposas de Cristo¹⁶⁰ e o são particularmente as religiosas:

[...] procuremos deleitar-nos nessas grandezas que tem o nosso Esposo e para que compreendamos com quem estamos casadas e que vida havemos de ter. Oh, valha-me Deus! Aqui na terra, quando alguém se casa, primeiro sabe com quem, que é a pessoa e o que tem; nós, já prometidas, não haveremos de pensar em nosso Esposo, antes do dia das bodas, em que Ele há de nos levar para a Sua casa? [...]”¹⁶¹

Aqui a vida religiosa é apresentada como um tempo de espera para aquelas que estão prometidas em matrimônio, até que chegue o momento das núpcias celestiais. Tempo que antecipa o que nos céus será pleno: “Somos ou não esposas de rei tão importante? Se o somos, que mulher honrada haverá que não participe [...] das desonras praticadas contra o seu Esposo? Mas, seja como for, da honra ou da desonra participam um e outro”.¹⁶² Veremos ainda em outros livros nossa santa doutora expressar-se quanto ao matrimônio que se dá entre a religiosa e Cristo¹⁶³, mas será sobretudo em *Castelo Interior ou Moradas* que santa Teresa discorrerá sobre o matrimônio espiritual como cume da intimidade da alma com Cristo, tomando-o como símbolo de sua experiência mística. Segundo T. Alvarez “o fará depois de ter descrito as quartas moradas que são o estágio de transição entre o plano ascético e aquele místico”.¹⁶⁴ Certamente com fundamentação bíblica, mas também articulada à realidade social de sua época, Madre Teresa apresenta o amor nupcial em paralelo ao amor místico entre os dois esposos, Deus e a alma, como o namoro nas quintas moradas, o noivado nas sextas moradas e o matrimônio nas sétimas moradas.

Este itinerário pode inspirar, a Filha do Divino Zelo, que é igualmente chamada a viver o carisma do Rogate em união esponsal com o Senhor. Ao adentrar as quintas moradas, no tempo do namoro, a religiosa é convidada a olhar para Cristo e a deixar-se ver por Ele. Nesta fase, santa Teresa insiste sobre as

¹⁵⁸ SANTA TERESA, Livro da Vida, 36,26.

¹⁵⁹ Ibid., 36,29.

¹⁶⁰ Cf. Id., *Caminho de Perfeição* (E), 38,1.

¹⁶¹ Ibid., 22,7.

¹⁶² Ibid., 13,2.

¹⁶³ Cf. Id., *Conceitos do amor de Deus*, 2,5; Id., *Poesias*, 23.27.28.

¹⁶⁴ ALVAREZ, T., *Sponsali Spirituali*, p. 557. [TN].

graças do conhecimento do Esposo, afim de enamorar-se dele, processo conhecido e propagado por santo Aníbal Maria, que recomenda com insistência que suas filhas espirituais se enamorem do Senhor: “Dai-nos a amorosíssima graça para enamorar-nos [...] sobretudo de Vós, Deus das virtudes [...]”¹⁶⁵, como sendo esse o caminho para que a consagrada se torne esposa de Cristo: “[...] fazei, ó Jesus Sumo Bem, que crescamos na santa vocação, que nos tornemos um dia vossas observantes esposas e assim perseveremos até o último respiro de nossa vida.”¹⁶⁶ “Enamorai-vos de Jesus Cristo” é um programa de vida para santo Aníbal Maria e para as suas famílias religiosas. Podemos dizer que é a síntese do sacerdócio ministerial do fundador e a linha formativa para os que são acolhidos em suas famílias religiosas. É o fruto de um caminho de santidade alicerçado no carisma do Rogate, ao mesmo tempo que é meio para que esse carisma seja vivenciado com coerência por aqueles que o tomam como voto religioso. A exortação feita por santo Aníbal Maria permite que a Filha do Divino Zelo prossiga no itinerário teresiano rumo ao matrimônio espiritual, onde contemplação e apostolado tem seu princípio e fim no Amor de Deus recebido e por isso doado à humanidade.¹⁶⁷

Nas quintas moradas santa Teresa mantém o simbolismo nupcial e nos diz:

Parece-me que a união não chega ao noivado espiritual. É como se passa no mundo quando duas pessoas vão se casar: procuram ver se há harmonia de temperamentos e se um e outro desejam o matrimônio. Por fim, marcam um encontro, para maior satisfação de ambos. Assim é aqui. Pressupõe-se que o contrato já está feito, a alma, vem informada das vantagens da aliança e determinada a fazer em tudo a vontade do Esposo, de todas as maneiras que a Este aprouver. Sua Majestade – como quem bem entende se de fato as coisas se passam assim – está contente com ela e concede-lhe a graça de querer conhecê-Lo melhor. Como dizem, concede-lhe que se vejam e se encontrem. Aproxima-a de Si.¹⁶⁸

Um caminho progressivo de conhecimento e intimidade que mostra ser a alma a mais beneficiada em tudo, pois esta é agraciada com a possibilidade de aproximar-se sempre mais do Divino Esposo, dando plenitude a vivência da vocação batismal, enxertadas no Corpo de Cristo e na vocação específica de tomar para si o destino do Esposo. Viver o Rogate nesta dinâmica é vivê-lo a partir de Cristo, de seus sentimentos, de suas preces e de sua intimidade com o Pai. Seguindo o crescimento na vida de oração, santa Teresa distingue o noivado do

¹⁶⁵ DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere al Signore (1913-1927), v. 2, p. 79. [TN].

¹⁶⁶ Ibid., p. 79. [TN].

¹⁶⁷ Cf. PIGNATELLI, R., *Innamoratevi di Gesù Cristo*, p. 3-9.

¹⁶⁸ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 5,4,4.

matrimônio espiritual, com base na reversibilidade do primeiro e irreversibilidade do segundo:

O noivado espiritual é diferente, uma vez que os pretendentes podem se afastar, sendo-o também a união. Porque, embora constitua união duas coisas se juntarem numa só, elas podem apartar-se e subsistir como individualidades. Com efeito, as outras graças do Senhor passam em geral rapidamente, deixando a alma sem aquela companhia – ou seja, sem ter consciência dela. Nesta última graça do Senhor, isso não acontece, ficando sempre a alma com o seu Deus naquele centro.¹⁶⁹

É um tempo intermediário entre a primeira união e a união definitiva, um processo intensivo da vida teologal nas suas expressões de fé, amor e esperança. É precedido por um tempo de purificação, que para T. Alvarez, mesmo santa Teresa não usando esta expressão, tem o mesmo sentido da “noite escura do espírito”, experimentada por santa Teresa¹⁷⁰ e que cresce na passagem do noivado para o matrimônio, comparada a passagem pelo purgatório antes de entrar no céu.¹⁷¹ Este também é o tempo do enraizamento na fé, quando se abre um horizonte de teofanias e cristofanias que condicionam toda a sua relação com Deus e com Cristo: “[...] essa alma não deixa de manter-se constantemente unida a Cristo Nosso Senhor. De um modo admirável – divino e humano a um só tempo –, Ele sempre lhe faz companhia”.¹⁷² No entanto, o amor é a causa central deste noivado, tudo leva a alma a amar sempre mais: “A alma sente-se savorosissimamente ferida, mas não percebe como nem quem a feriu. Sabe tratar-se de coisa preciosa e deseja não sarar jamais daquela ferida”.¹⁷³ Deus leva a alma a desejar o amor e a não mais ver-se separada dele: “[...] a alma sente o desejo de crescer com uma força inaudita. Por sua vez, o amor também aumenta, à medida que ela percebe quanto este grande Deus e Senhor merece ser amado”.¹⁷⁴

Na pedagogia espiritual proposta por santa Teresa, a Filha do Divino Zelo é chamada a desenvolver uma espiritualidade esponsal, o que não significa perder sua identidade ou liberdade, mas potencializá-la e realizá-la na união com Cristo, por quem foi chamada e a quem livremente deu seu “sim”. Afirma João Paulo II: “Nesta dimensão esponsal [...] é sobretudo a mulher que se reconhece de modo singular em sua própria identidade, de certa forma descobrindo aí a índole

¹⁶⁹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,2,4.

¹⁷⁰ Cf. Ibid., 6,1,7-8; 6,3,5.

¹⁷¹ Cf. Ibid., 6,11,6.

¹⁷² Ibid., 6,7,9.

¹⁷³ Ibid., 6,2,2.

¹⁷⁴ Ibid., 6,11,1.

especial do seu relacionamento com o Senhor”.¹⁷⁵ Um relacionamento gerado no amor, na confiança, na comunhão de corações e projetos, onde a esposa dá a vida para estar junto do Esposo porque se sente verdadeiramente amada e não vê sentido em nada que esteja fora dele. O matrimônio com Cristo possibilita a realização plena da consagrada e a coloca em combate diário para que nada lhe roube a Esperança, a alegria de viver em Cristo, a caridade que vive junto do Esposo.

A espiritualidade esponsal colabora com a formação de religiosas adultas, que ultrapassam as mazelas cotidianas por um amor maior. Mulheres que enfrentam as ilusões passageiras e entregam toda a vida em troca do TUDO que reconhecem nas promessas eternas do Esposo. Vã seria a consagração de uma mulher que não se sinta plena em sua vocação à vida, em sua potencialidade materna e esponsal. Os Institutos religiosos correm o risco da esterilidade quando não são formados por mulheres integradas em sua feminilidade e em sua capacidade de gerar vida. Os filhos e filhas, gerados no corpo ou no coração, dizem à vida consagrada que a esposa será plenamente realizada quando gerar a vida nas diversas dimensões de sua existência. A mulher consagrada, estará em processo de plenificação, quando gerar a vida em seu interior, não cedendo ao vazio, ao hedonismo, ao fechamento, a autopreservação pessoal e institucional. A Filha do Divino Zelo será realizado quando gerar vida na comunidade em que vive, agindo conforme a Sagrada Humanidade do Esposo, que, como Majestade Suprema, a acolhe e a ama em todas as suas misérias, capacitando-a a amar em misericórdia. A consagrada não é estéril quando gera a vida no apostolado, fazendo da vida dom para seus semelhantes, em solidariedade com o Esposo que deu a vida por seus amigos.

A Filha do Divino Zelo, mediante o itinerário de santa Teresa que desde os primórdios da fundação ilumina sua vida espiritual, desenvolve sua espiritualidade esponsal quando se dedica a oração pelas vocações, se faz operária para a messe e leva adiante a o Rogate nas missões que assume. A escassez de vocações no Instituto, assim como na Igreja, chama a religiosa a ressignificar seu caminho de esposa, que inebriada pelo amor do Esposo, vive para Ele, ama com Ele, testemunha sua Cruz e Ressurreição através do testemunho coerente dos valores

¹⁷⁵ JOÃO PAULO II, PAPA, Exortação apostólica, *Vita consecrata*, 34.

evangélicos. Certamente todo o potencial gráfico e comunicativo que o Instituto investe no apostolado vocacional será fértil, quando vier precedido pelo renovado testemunho de esposas realizadas unicamente no Esposo, que nele encontram a alegria da existência e da consagração que é o fruto de um amor livre que torna possível ainda nos tempos atuais que uma jovem entregue tudo em troca do TUDO.

É interessante constatar que o ímpeto de desejos que levam santa Teresa a ansiar pelo encontro com o Senhor desaguará em uma urgente e absoluta necessidade de serviço, o que constituirá a exigência principal do último trecho do caminho espiritual¹⁷⁶: “[...] por muito que faça, tudo lhe parece nada diante da força interior muito maior com que a alma lhe faz guerra. [...] Essa deve ter sido também a origem do empenho de São Domingos e São Francisco em reunir almas para que o Senhor fosse louvado”.¹⁷⁷ A Filha do Divino Zelo, quando se coloca com o Senhor neste caminho, viverá o Rogate de maneira plena, unindo seu viés contemplativo e ativo, conforme as Constituições do Instituto, e não o viverá por seus interesses ou por suas forças, mas o viverá unida a Cristo, num ato de memória e obediência às suas palavras frente ao sofrimento do povo, sabendo que Ele é quem oferece ao Pai a oração e ação que emergem no coração de cada consagrada. Então, podemos pensar no Rogate como um ato de caridade e misericórdia frente as dores da humanidade, frente as dores de Cristo que sofre em seus filhos e filhas.

9.3.3.

Rogate: amar em Cristo

O itinerário espiritual de santa Teresa, e cremos que de todos os santos conformados a Cristo, nos conduzem às sétimas moradas do castelo interior, no centro da pessoa, onde habita a Trindade Santa, princípio e fim de cada um, realização plena de cada vocação. É ali que a Filha do Divino Zelo é chamada por seu batismo e consagração a estar, a ouvir e aderir com todo o seu ser a vida de Cristo e o seu Reino, empenhando a vida para a maior honra e glória de Deus, para a sua salvação e a salvação da messe que o próprio Deus coloca diante de seus olhos. Mas, amar a Deus e a humanidade é um compromisso que vem à Filha

¹⁷⁶ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,3,6.

¹⁷⁷ Ibid., 7,4,11.

do Divino Zelo, e a toda a humanidade, não como uma iniciativa pessoal. É o cumprimento de um mandamento que é o cerne de todo o cristianismo, o novo mandamento dado por Jesus a seus discípulos: “Amai-vos uns aos outros”.¹⁷⁸ Bem nos dirá santo Agostinho que não se trata de um novo mandamento, uma vez que a antiga lei já o apresentou: “Amará o teu próximo como a ti mesmo”¹⁷⁹, no entanto, o Senhor chama de “novo mandamento” porque é Ele quem renova a pessoa que o ouve, que lhe obedece, logo não se trata de um amor puramente humano, mas daquele que Cristo pediu e pediu porque doou: “Como eu vos amei”.¹⁸⁰

O mandamento do Rogate não está fora do mandamento do Amor dado pelo Senhor. Ousamos dizer que o Rogate é fruto do mandamento do Amor, é o Amor de Cristo ao Pai e aos irmãos que se expressa em súplicas ardentes pela salvação da humanidade que vaga perdida em meio ao mundo, enquanto não se cumprem os tempos de Deus. Salvação que vem, com a participação da própria humanidade, da Misericórdia do Divino Amigo que é capaz de inflamar os corações mais endurecidos e fazê-los amar e no amor encontrar a própria redenção e realização plena da existência. Quando, em ato de amor, de obediência ao mandamento que perpassou toda a Escritura, porém agora moldados no Amor de Cristo, a Filha do Divino Zelo súplica os bons operários para a messe, ela não apenas está pedindo por seus irmãos e irmãs que se encontram em sofrimento, num ato de unidade com o Senhor, como está clamando por sua salvação e redenção, pois somente o amando poderá ser feliz e encontrar a plenitude de seu sim.

Amar para a Filha do Divino Zelo é unir-se em profunda intimidade a Cristo, e por isso ousamos dizer, em matrimônio ao Divino Esposo, e com Ele participar da salvação dos irmãos e irmãs. Eis a expressão de Amor do Senhor para com suas consagradas: permitir que participem de seu destino, de sua missão, de sua entrega de Amor ao Pai e à humanidade. O Rogate é antes de tudo caminho de salvação para a Filha do Divino Zelo, que por meio do carisma se une ao Senhor e assume para si todos os seus sentimentos, toda a sua missão. A Filha do Divino Zelo ama, se conforma a Cristo, doa-se em atos de amor aos irmãos e

¹⁷⁸ Jo 13,34.

¹⁷⁹ Lv 19,18.

¹⁸⁰ Jo 13,34.

irmãs, por meio do Rogate, aliança que sela seu matrimônio com o Senhor dos senhores. Hoje a Filha do Divino Zelo é chamada a cuidar dos frutos de seu matrimônio com Cristo que estão espalhados nos cinco continentes, no intuito de que não se transformem em “obras assistenciais” que nada digam da consagração e união com Deus. Dedicada a cuidar da vida em todas as instâncias, a religiosa zela pela vocação à vida, chamado primeiro de cada pessoa e dedica-se para que todos tenham condições de responder ao chamado de Deus em cada fase da existência. Dessa maneira, nenhuma obra realizada pela Filha do Divino Zelo, enquanto obra de amor, fruto da espiritualidade sponsal, seja vista fora do carisma do Rogate.

Este amor que frutifica em obras, renova a consagrada, vai purificando-a de seus egoísmos, de suas projeções, de suas preocupações consigo mesma. Trata-se do amor que capacita a abraçar a Cruz a cada dia e a colocar-se no caminho do Senhor, que viu e ouviu as dores das multidões, que não apenas deu o pão, mas se fez pão e deu-se em alimento. A obediência ao mandamento do Rogate, a essa expressão de amor que emerge do Coração de Cristo diante da messe, confirma e sustenta a Filha do Divino Zelo na identidade sponsal que lhe foi conferida pelo batismo e pela consagração. É um amor que renova, que transforma em novas mulheres, herdeiras da nova Aliança, “cantoras do canto novo”. Este amor renovou os justos, os santos, os profetas, os mártires; este amor converteu pecadores, reavivou mortos, libertou cativos, e ainda hoje renova as nações e reúne todo a humanidade espalhada pelo mundo, formando uma só messe do Senhor, “o corpo da nova esposa do Filho unigênito de Deus”¹⁸¹, que vem revestida pelo Esposo, renovada pelo mandamento do Senhor:

[...] amai-vos uns aos outros. Não como se amam aqueles que vivem na corrupção da carne; nem como se amam os seres humanos apenas como seres humanos; mas como se amam aqueles que são deuses e filhos do Altíssimo. Deste modo, se tornam irmãos do Filho unigênito de Deus, *amando-se uns aos outros com aquele mesmo amor com que ele os amou*, e por ele serão conduzidos à plenitude final, onde os seus desejos serão completamente saciados de bens. Então nada faltará à sua felicidade, quando Deus for tudo em todos. Quem nos dá este amor é o mesmo que diz: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Foi para isto que ele nos amou, para que nos amássemos mutuamente. E com o seu amor, deu-nos a graça,

¹⁸¹ SANTO AGOSTINHO, Dos tratados sobre o evangelho de São João: o novo mandamento, p. 401.

para que, vivendo unidos em recíproco amor, como membros ligados por tão suave vínculo, formemos o Corpo de tão sublime Cabeça.¹⁸²

É Deus quem age na fragilidade de seus santos e santas, na humanidade ferida de suas consagradas. Para santa Teresa, quanto mais profunda e substancial for a união com Deus, mais forte é o influxo interior que cura, fortalece e qualifica a pessoa para as grandes obras, o que para a Filha do Divino Zelo se traduz na vivência plena do Rogate. As forças interiores, que a presença de Deus traz no centro do ser, liberta as potências e os sentidos que se tornam aptos a um serviço novo e qualificado, surpreendente como vemos nos santos, aqueles que dão testemunho de Deus com obras admiráveis, que brilham como obras do Senhor manifestas na fragilidade humana. Em santa Teresa podemos perceber, pelas narrativas de suas experiências místicas, que todas as graças da oração que recebeu a conduziram à entrega da vida, ao sofrer com o Crucificado, por meio de obras, muitas vezes superiores às próprias condições, que levassem para Ele muitas almas:

Não descrevo neste livro das fundações os grandes padecimentos passados pelos caminhos, com frio, com sol, com neve, pois às vezes nevava o dia inteiro, momentos em que nos perdíamos, outros com grandes achaques e febres, porque, glória a Deus, costumo ter pouca saúde, embora visse com clareza que Nosso Senhor me dava forças. Porque me acontecia algumas vezes em que tratava das fundações achar-me com tantos males e dores que chegava a me angustiar muito, pois me parecia não poder ficar, mesmo na cela, senão deitada. Eu me voltava para Nosso Senhor, queixando-me a Sua Majestade e perguntando-lhe como queria que eu fizesse o que não podia; depois disso, mesmo havendo sofrimentos, Deus me dava forças e, com o fervor que me infundia, e o cuidado, eu parecia esquecer de mim mesma. Pelo que me lembro, nunca deixei de fundar por temer sofrimentos, embora pelos caminhos, especialmente nos longos, sentisse muita contrariedade; mas ao começar a andar parecia ter pouca distância a percorrer, vendo a serviço de Quem o fazia e considerando que, na casa a ser fundada, se haveria de louvar o Senhor e abrigar o Santíssimo Sacramento [...].¹⁸³

Vemos a confissão de uma fragilidade natural na qual brilha a força do Espírito Santo. Iluminada pelo itinerário espiritual de santa Teresa, a Filha do Divino Zelo pode assumir o empenho pessoal e comunitário de buscar em tudo agradar a Deus, tendo o Rogate como aliança de seu compromisso com o Senhor da messe. É a partir do matrimônio espiritual, profunda experiência de intimidade com o Cristo Misericordioso, que a consagrada pode dar-se como operária em

¹⁸² SANTO AGOSTINHO, Dos tratados sobre o evangelho de São João: o novo mandamento, p. 401.

¹⁸³ SANTA TERESA, Fundações, 18,4-5.

obras de caridade, fruto de gratidão ao amor recebido, em prol da salvação da humanidade.

Em qualquer obra de caridade que se encontre uma Filha do Divino Zelo, para que seja autêntica, fruto da união com o Senhor, a religiosa precisa estar revestida pelo Rogate, unida a essa obra pela mesma aliança que a une a Cristo: o Amor recebido como dom, como carisma, que se faz doação para a messe. Neste contexto, podemos afirmar que o Rogate é um dom extraordinário recebido de Deus para frutificar em obras na Igreja. Esse é o distintivo, o emblema, as vestes, com as quais os membros desta família religiosa são premiados. O Rogate é a veste que adorna, que reveste, traje nupcial da esposa que vive da vida do Esposo. O fundador expressa com beleza e poesia o sentido dessa aliança em sua vida dizendo que o Rogate é a “graça excelentíssima entre todas”¹⁸⁴, a “graça das graças, a misericórdia das misericórdias”¹⁸⁵, graça “grande e inestimável”¹⁸⁶, “remédio infável”¹⁸⁷, “origem e fonte de inumeráveis graças”¹⁸⁸, “soma de todas as graças”¹⁸⁹, e segundo o Papa Pio XI é a “obra das obras”¹⁹⁰. O Rogate “forma todo o nosso decoro”¹⁹¹, “é o imenso dom, o preciosíssimo talento que devemos cuidar e fecundar”¹⁹². Santo Aníbal Maria evidencia em seus escritos que o Rogate deve ser considerado uma oração “sublime, especialíssima, santa, divina missão”¹⁹³ à qual são chamadas as suas filhas espirituais. As Filhas do Divino Zelo se considerarão “dedicadas, consagradas, votadas”¹⁹⁴ ao Rogate, de modo a “pertencer ao Divino Mandamento”¹⁹⁵. Para a Filha do Divino Zelo a entrega de

¹⁸⁴ DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 5, p. 72. [TN].

¹⁸⁵ Id., Scritti, v. 6, p. 30; v. 6, p. 49; v. 6, p. 71; v. 9, p. 42.

¹⁸⁶ Id., Scritti, v. 8, p. 65.

¹⁸⁷ Id., Scritti, v. 44, p. 149.

¹⁸⁸ Id., Scritti, v. 5, p. 69.

¹⁸⁹ Id., Scritti, v. 8, p. 26.

¹⁹⁰ Id., Scritti, v. 44, p. 85.

¹⁹¹ Id., Scritti, v. 28, p. 42; v. 46, p. 266.

¹⁹² Id., Scritti, v. 37, p. 54.

¹⁹³ Cf. Id., Scritti, v. 1, p. 89; v. 2, p. 201; v. 2, p. 84; v. 2, p. 131; v. 3, p. 1; v. 7, p. 62; v. 28, p. 26; v. 37, p. 69; v. 37, p. 73; v. 37, p. 99; v. 38, p. 22; v. 38, p. 41; v. 40, p. 110; v. 41, p. 74; v. 41, p. 90; v. 41, p. 105; v. 42, p. 36; v. 45, p. 489; v. 52, p. 147; v. 52, p. 148; v. 52, p. 228; v. 52, p. 262; v. 52, p. 263.

¹⁹⁴ Cf. Id., Scritti, v. 2, p. 82; v. 8, p. 28; v. 8, p. 33; v. 8, p. 74; v. 28, p. 41; v. 28, p. 43; v. 28, p. 49; v. 28, p. 54; v. 28, p. 73; v. 29, p. 16; v. 29, p. 18; v. 29, p. 34; v. 29, p. 37; v. 29, p. 54; v. 29, p. 110; v. 34, p. 60; v. 35, p. 61; v. 37, p. 32; v. 37, p. 43; v. 37, p. 47; v. 40, p. 112; v. 41, p. 51; v. 41, p. 66; v. 41, p. 80; v. 42, p. 42; v. 43, p. 133; v. 44, p. 19; v. 45, p. 177; v. 46, p. 397; v. 52, p. 159; v. 53, p. 29; v. 56, p. 99.

¹⁹⁵ Id., v. 1, p. 201.

vida no serviço aos pobres e marginalizados se dá por sua consagração ao Rogate, no oferecer-se a si mesma por este voto.

Dentre os diversos fins que o próprio fundador apresenta para suas obras¹⁹⁶, sintetiza apontando para a glória de Deus e a salvação das almas. Dirá que “O amor de Jesus sumo Bem é todo o nosso objetivo”¹⁹⁷. Esse amor a Deus leva ao zelo, à consolação do Coração de Jesus, à santificação própria e à salvação das almas. No entanto, em alguns momentos distinguirá entre o objetivo final, a glória de Deus, a salvação das almas, a máxima consolação do Coração de Jesus; e o fim próximo, ou meio, que indica no Rogate e nas obras de misericórdia.¹⁹⁸ São finalidades que não se contrapõe, mas que estão unidas entre si, que possuem uma dependência recíproca. A Filha do Divino Zelo, seguindo a herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria, busca o Reino de Deus, na sua máxima extensão, fundamentada no amor de Deus, de modo que penetre nas almas, salve os pequenos, recupere os pobres e neste contexto o Rogate é a aliança de excepcional eficácia para edificar o Corpo Místico de Cristo.

A “regra” não pode ser outra que o amor a Deus e o amor ao próximo, tendo o Rogate ao centro destes dois amores, e aqui, o itinerário espiritual que santa Teresa apresenta em suas obras e em especial em *Castelo Interior ou Moradas*, é uma possibilidade de realização plena da vocação da Filha do Divino Zelo que trilha os caminhos da ascese para se conformar a Cristo, no empenho de Marta;

¹⁹⁶ Nos Escritos de santo Aníbal Maria podemos ver as seguintes citações a respeito da finalidade dos Institutos no que se refere ao Rogate: 1) O Rogate como fim: DI FRANCA, A. M., Scritti, v. 1, p. 127; v. 3, p. 2; v. 3, p. 142; v. 4, p. 54; v. 4, p. 75; v. 4, p. 117; v. 4, p. 121; v. 5, p. 32; v. 5, p. 45; v. 6, p. 24; v. 7, p. 154; v. 8, p. 17; v. 8, p. 28; v. 8, p. 33; v. 8, p. 74; v. 8, p. 80; v. 9, p. 42; v. 16, p. 21; v. 28, p. 31; v. 28, p. 41; v. 28, p. 46; v. 28, p. 49; v. 27, p. 73; v. 28, p. 50; v. 28, p. 54; v. 28, p. 73; v. 29, p. 5; v. 29, p. 13; v. 29, p. 16; v. 29, p. 18; v. 29, p. 24; v. 29, p. 57; v. 29, p. 74; v. 29, p. 94; v. 29, p. 106; v. 29, p. 110; v. 29, p. 155; v. 29, p. 173; v. 34, p. 61; v. 37, p. 32; v. 37, p. 43; v. 40, p. 112; v. 41, p. 51; v. 41, p. 65; v. 43, p. 4; v. 43, p. 53; v. 43, p. 142; v. 43, p. 153; v. 44, p. 116; v. 45, p. 399; v. 45, p. 528; v. 46, p. 143; v. 46, p. 180; v. 46, p. 195; v. 46, p. 206; v. 46, p. 209; v. 46, p. 212; v. 46, p. 220; v. 46, p. 222; v. 46, p. 229; v. 46, p. 273; v. 46, p. 284; v. 46, p. 289; v. 46, p. 329; v. 46, p. 350; v. 46, p. 377; v. 53, p. 29; v. 53, p. 92. 2) Rogate como o fim também das obras: Id., Scritti, v. 29, p. 12; v. 29, p. 54; v. 37, p. 34; v. 37, p. 56. 3) O Rogate e a Caridade: DI FRANCA, A. M., Scritti, v. 2, p. 82; v. 8, p. 34; v. 28, p. 6; v. 28, p. 26; v. 28, p. 27; v. 29, p. 33; v. 29, p. 34; v. 29, p. 97; v. 30, p. 129; v. 30, p. 136; v. 35, p. 6; v. 37, p. 40; v. 38, p. 9; v. 41, p. 66; v. 42, p. 42; v. 43, p. 115; v. 45, p. 476; v. 61, p. 209. 4) Caridade e Rogate: v. 2, p. 82; v. 2, p. 84; v. 12, p. 119; v. 12, p. 121; v. 15, p. 66; v. 28, p. 5; v. 28, p. 8; v. 28, p. 12; v. 28, p. 19; v. 28, p. 24; v. 28, p. 28; v. 29, p. 25; v. 29, p. 26; v. 29, p. 37; v. 29, p. 103; v. 29, p. 104; v. 29, p. 146; v. 29, p. 154; v. 29, p. 168; v. 34, p. 61; v. 43, p. 113; v. 45, p. 77; v. 45, p. 79; v. 46, p. 397; v. 52, p. 118; v. 52, p. 159; v. 52, p. 222; v. 56, p. 60; v. 56, p. 99. 5) O Rogate como fim principal: v. 2, p. 151; v. 3, p. 18; v. 3, p. 80; v. 3, p. 142; v. 37, p. 34; v. 37, p. 41; v. 37, p. 47; v. 37, p. 55; v. 28, p. 43; v. 43, p. 128; v. 46, p. 370; v. 52, p. 160. 6) O Rogate como fim primeiro: v. 8, p. 34; v. 28, p. 43; v. 29, p. 12; v. 29, p. 54; v. 37, p. 34; v. 37, p. 56; v. 41, p. 51; v. 43, p. 142.

¹⁹⁷ Id., Scritti, v. 35, p. 4.

¹⁹⁸ Cf. Id., Scritti, v. 61, p. 106.

que senta-se aos pés do Senhor, como Maria, para ser tomada em noivado, em intimidade com o Senhor, deixando que Ele tudo conduza, inclusive que seja em sua voz a súplica pelos bons operários; e, por fim, que possa realizar “obras, sempre obras”, como fruto do amor, como geração de uma vida fecundada pelo Espírito, unida em matrimônio ao Divino Esposo e que sabe nada ser ou fazer fora dele.